

Mountain

VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XVIII | #111 | jan/fev 2010



Esportiva
Itatim - BA
Itajubá - MG

Avalanche
Escaladoras do sul

Novas rotas no
Morro do Cuscuzeiro


SNAKE[®]
r e a c h t h e t o p



SISTEMA DE IMPERMEABILIZAÇÃO
QUE MANTÉM SEUS PÉS SECOS
E PERMITE A SAÍDA DE SUOR E
UMIDADE.



SISTEMA DE CONSTRUÇÃO INTERNA
QUE CONTROLA SUPINAÇÃO E
PRONAÇÃO, GARANTINDO ESTABILIDADE
E CONFORTO EM CAMINHADAS.



SOLADO ROCCA.
TRAÇÃO, ESTABILIDADE E SEGURANÇA
EM QUALQUER TERRENO.



CONJUNTO DE TECNOLOGIAS
QUE PROPICIAM
MAIOR CONFORTO.

LINHA PRO 2009

TORRES

ANDINA

ARMAÇÃO

TRONADOR

TRILOGIA III



O "DNA" DA MONTANHA

www.snake.com.br

www.snake.com.br

www.snake.com.br

Pernoite seguro, mesmo fora de casa

Barraca Cota 2

Duas armações que se cruzam duas vezes, oferecendo uma grande estabilidade à barraca. Sobreteto integral impermeabilizado para as condições brasileiras, com costuras seladas e respiros para ventilação mais eficiente. Proteção adicional contra raios UV (50+). Vem com porta-trecos para ser pendurado no teto, como uma prateleira dentro da barraca. Porta dupla, com tela mosquiteiro, permitindo melhor ventilação durante a noite e protegendo-o da entrada de bichos e insetos. Autoportante, o que permite movimentar a barraca montada antes de escolher o lugar definitivo. Armações em fibra óca, revestidas com PVC para maior segurança.



Barraca Cobra 4

Duas portas, uma de cada lado da barraca. O sobreteto (Proteção UV 50+) vem com avanço para ser montado em uma das portas, formando uma varanda que é montada com jogo de armação próprio. Possui sistema que permite a união de duas barracas deste mesmo modelo, formando uma barraca para até 8 pessoas. Vem com porta-trecos para ser pendurado no teto, como uma prateleira dentro da barraca. Armações em fibra óca, revestidas com PVC para maior segurança.

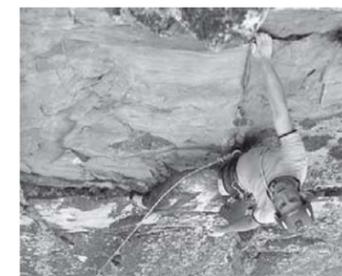
www.trilhaserumos.com.br

Trilhas & Rumos

R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis - RJ - CEP 25954-195 - (21) 2742-9652 - Fax (21) 2742-5781 - sac@trilhaserumos.com.br

Internacional

LISETE FLORENZANO | SP



Big walls em livre na África do Sul

Os escaladores Max Dünser, Reinhard Hones e Martin "Wusel" Schindele abriram uma nova via, com nove enfiadas de 7b+ (8C) no impressionante Yellowwood Amphitheatre, na África do Sul. O arenito bastante sólido da parede apresentou muitos lugares para colocação de proteção móvel, sendo necessária a colocação de poucas chapeletas. Mas, em todas as paradas, há pelo menos uma proteção fixa. A via, de 350 m foi batizada de *Your Mother's Face*.

Depois de uma pequena pausa em Rocklands, Schindele voltou a Yellowwood com Daniel Gebel e completou outra nova rota. A via de três enfiadas, *Episode I - Fight Against the Dark Side of Gravity*, 7c (9a) é do lado direito do anfiteatro e segue pela metade superior da parede. Os escaladores planejam retornar para abrir *Episode II*, que irá começar do chão, ligando as duas vias.

Novos prodígios

No começo do novembro, o francês Enzo Oddo,

de 14 anos, encadenou *La Proue Débridée* (8c+ ou 11b) escalada pela primeira vez por Tony Lamiche. Depois, o garoto seguiu para Fontainebleau, onde escalou os boulders *De Vita Beata* e *Pagot*, 8a (V9) e *Katharsis* (V13) – provavelmente a primeira repetição deste problema.

E, para encerrar as férias, fez a segunda ascensão de *Inga*, 9a (11c), escalada pela primeira vez por Dai Koyamada em 2002. A via começa com vinte movimentos de travessia (sit start) de 8a+8b (10b) até juntar-se à via *7pm Chaud*, de dificuldade 8b (10c). Nada mal para as férias...

A francesa Charlotte Durif, de 19 anos, teve também uma fase extraordinária. Dois first ascents de 5.14c (11b) e uma cadeia à vista de uma via de 5.14a (10c). Em Combe La Vielle, trabalhou e mandou a via *The Wall* (11b) e duas semanas depois completou os 50m de negativo da via *Pull Over*, em Grotte de Galetas. Alguns dias depois, no Verdun Gorge, Charlotte fez à vista, numa "mega enfiada" de 100 m, as quatro enfiadas de *Ultime Dénence* (10b, 9c, 10b, 9b). E, no dia seguinte, uniu as duas enfiadas de *Ramirole*: 10b e 9c.

Tomaz Humar morre no Langtang Lirung

O escalador esloveno, já bastante debilitado, chamou por resgate durante a escalada em solo do Langtang Lirung (7.234 m), pico mais alto da região do Langtang, no Nepal. De acordo com a agência que lhe dava suporte, ele iniciou a subida no dia 5 de novembro, e no dia 9 chamou pelo resgate.

As informações iniciais eram de que ele estava parado a uma altitude de 6.300 m. Uma equipe de sherpas subiu, tentando chegar ao local indicado mas não foram capazes de localizá-lo.

Enquanto isso, um grupo de helicópteros especializados em resgate voou para Kathmandu e para o campo base. As condições climáticas ruins e possibilidade de avalanches seguraram as equipes de resgate nos dias 12 e 13. Na manhã do dia 14 um piloto suíço conseguiu sobrevoar o local e avisar Humar, a 5.600 m, muito mais abaixo do que o esperado. Usando uma corda, a equipe baixou o escalador Simon Anthamatten, que havia acabado de retornar à Suíça depois de uma escalada também no Nepal (Jasemba – 7.350 m). Simon conseguiu chegar até o corpo de Humar e trazê-lo ao helicóptero.

Humar, tinha 40 anos e teve uma vida extraordinária e com grandes realizações nas montanhas. Ele começou as escaladas no Himalaya em 1994, abrindo uma variante à face sudeste do Ganesh V (6.989 m) com uma equipe eslovena. Em 95 escalou o Annapurna, e no ano seguinte conseguiu os dois maiores sucessos: uma nova rota no Ama Dablam, com Vanja Furlan, e a primeira ascensão em solo do Bobaye (6.808 m), pela difícil face noroeste.

Em 97, Humar e Janez Jeglic escalaram os 7.742 m do cume noroeste do Nuptse por uma nova rota, mas Jeglic foi jogado do cume pelas rajadas de vento, e Humar foi forçado a descer sozinho. Dois anos depois, Humar fez em solo uma nova rota na enorme face sul do Dhaulagiri com cerca de 7.300 m, atravessou para a aresta sudeste, e então voltou à face sul, continuando acima dos 8.000 m, onde ele atravessou para a rota normal (aresta nordeste) mas sem seguir ao cume (8.167 m). Exausto por ficar mais de uma semana numa escalada solo e em altitudes



elevadas, Humar desceu ao campo I a 5.700 m na aresta nordeste, onde encontrou com escaladores de outra expedição e esperou por um helicóptero, que chegou no dia seguinte.

Em 2005, foi ao Paquistão tentar em solo a Face Rupal direta, dos 8.125 m do Nanga Parbat. Depois de escalar acima dos 6.000 m, foi pego pelo mal tempo e ficou alguns dias esperando nesse local pelo helicóptero de resgate. Pilotos do exército paquistanês conseguiram voar até essa altitude, no limite da capacidade do helicóptero devido ao ar rarefeito, e jogaram uma corda para ele, que conseguiu se clipar e sair da parede. Sem dúvida, uma vida inspiradora pra todos nós.

Primeira ascensão de Der Lange Atem

O escalador austríaco Arthur Kubista (45 anos) é conhecido em vários países, por suas ascensões e vias de grande dificuldade. Algumas de suas propostas ainda não foram repetidas, possivelmente porque Arthur não se preocupa tanto com a divulgação de suas escaladas, o que não quer dizer que não goste que outros escaladores entrem em suas vias.

Sua nova via, *Der Lange Atem*, em Schattenreich, Hölleental (Austria) foi encadenada por ele mesmo, com o grau proposto de 9a+ (12a). A via, de 28 m, pode ser dividida em duas partes devido a um descanso. A primeira parte, de 13 m, é bastante explosiva, muito atlética, passa por dois tetos e deve ser um 11a/b. A segunda parte, de 15 m, segue por uma parede negativa com movimentos muito duros em agarras pequenas.

Lino Lacedelli

No dia 20 de novembro, faleceu Lino Lacedelli, 84 anos, companheiro de Achille Compagnoni e Walter Bonatti, na primeira ascensão do K2 (8.611 m). Os escaladores chegaram ao cume da segunda maior montanha do mundo em julho de 54. Lacedelli teve sua melhor atividade nas montanhas na década anterior ao K2, com notáveis expedições às vias mais difíceis da época nos Alpes, principalmente as Dolomites.

Mountaineer 75+15L

A melhor opção para sua aventura cabe em seu bolso

Eleita a mochila com melhor custo-benefício da categoria pelo Guia de Equipamentos 2009 da revista Go Outside



CFS System

Para regulagem de altura do costado proporcionando mais conforto em atividades prolongadas



Lady Fit System

Regulagem da barrigueira para ajuste perfeito ao quadril feminino



Jaqueta Ventus

o melhor custo-benefício*

- INDICADA PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE.
- CORTA-VENTO EXTREMAMENTE LEVE.
- ALTA CAPACIDADE DE COMPACTAÇÃO.

CAPUZ EMBUTIDO NA GOLA

LEVE E COMPACTA 978

11,5 cm x 15,0 cm

* Peso referente ao modelo Feminino - M

POR ~~R\$ 299,00~~ R\$ 199,00

* Segundo o prêmio do Guia de Equipamentos 2009 da Revista Go Outside.

www.solobr.com

SOLO

Vista sua liberdade

Encontro de montanhistas veteranos

História, emoção e homenagens.

ASSESSORIA DE IMPRENSA FEMERJ

No dia 27 de outubro, na sede do Centro Excursionista Brasileiro (CEB), foi realizado mais um Encontro de Montanhistas Veteranos. Esta foi a sexta edição do evento, que começou no ano de 2004, em uma Abertura de Temporada de Montanhismo, na Urca, por iniciativa do site Montanhas do Rio (www.montanhasdoriorio.com.br). Na mensagem de divulgação do Encontro, este é apresentado como "uma tradicional confraternização de montanhistas, e tem por objetivo promover a reunião e homenagear aqueles que tanto admiramos". Entre tantos ilustres veteranos, estiveram presentes montanhistas vindos de Brasília e do Ceará. No total, participaram do evento mais de 50 veteranos e, aproximadamente, 120 montanhistas de várias gerações.

"Esta iniciativa tem a colaboração de inúmeras pessoas e de todos vocês, de fazer uma homenagem, de reunir gerações de todos os clubes de montanha", falou Claudio Aranha na abertura do evento. Foi apresentada a programação e feito um agradecimento a todos os presentes. "É uma satisfação muito grande contar com todos vocês aqui. Temos a presença do Bernardo, presidente da Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro, que é um guardião e lutador incansável do montanhismo tradicional e do montanhismo organizado", destacou Claudio Aranha.

"Esse evento é simplesmente sensacional. Parabéns ao Claudio e à Marcia Aranha pelo empenho todos os anos para que o evento ocorra. Não tem preço conversar com essa galera que escreveu uma história tão bonita e rica do nosso montanhismo e ver o amor deles pelas montanhas", enaltece Bernardo Collares.

Sobral Pinto, montanhista e fotógrafo, montou uma exposição de fotos com o tema "Escaladas nos anos 50". Sobral também agradeceu alguns montanhistas com fotos suas da Agulha do Diabo (considerada uma das mais espetaculares escaladas do mundo, segundo o site <http://www.hottnetz.com/the-15-most-spectacular-rock-climbs/>). Na entrega de uma foto ao Tião (José Sebastião Lopes da Silva), um momento de muita emoção. Com a voz embargada, Tião contou que não tinha dinheiro para fazer uma excursão ao Caparaó, na década de 50. Então, Sobral Pinto disse que emprestava a quantia. Passados mais de 50 anos, Tião agradeceu em público o gesto do amigo e emocionou todos os presentes.

A seguir, André Ilha palestrou sobre o "Montanhismo de hoje", porém traçando um paralelo com a escalada de algumas décadas atrás. Além de contar sobre os materiais usados na época, o que fez muitos veteranos sorrirem com a lembrança, André falou também da dificuldade de comprar estes materiais: "Ter alguns mosquetões era ter um verdadeiro tesouro. Você não tinha onde comprar aqui e enchia o saco dos parentes e amigos que viajavam para o exterior para trazerem um cordão", lembrou.

Um ponto muito importante levantado durante a palestra foi a questão do acesso às montanhas. "Uma outra característica dessa época era a ampla liberdade de ir e vir nos ambientes de montanha. Como éramos poucos, os problemas de acessar as áreas de caminhada ou escala-

da também eram, consequentemente, muito poucos", contou André. A partir da década de 80, com o advento do profissionalismo, houve um aumento explosivo de praticantes do esporte. Áreas públicas e privadas passaram a sofrer restrições de acesso por conta desta demanda. "Com a criação da FEMERJ, congregando todos os clubes e mais uma muito bem-vinda Associação Profissional de Guias e Instrutores de Escalada, a AGUIPERJ, que é a única no país, iniciou-se um processo muito árduo, superdifícil, trabalhoso e que exige um quatrilhão de reuniões, elaboração de documentos, ofícios, apresentações, mas virando o jogo e reabrindo espaços que haviam sido perdidos para a prática do montanhismo amador", explicou André. Também foi abordada a diversificação de estilos hoje existentes na escalada, como o big wall, esportiva, tradicional, com materiais móveis e o bouldering. Outra mudança na nossa atividade, a partir dos anos 80, foi o surgimento de competições. Desde então houve um consenso de que estas só seriam realizadas em estruturas artificiais para não causar impacto à rocha natural. "Crescemos muito e passamos por muitas turbulências, mas eu acho que hoje, com essa união dos clubes e da AGUIPERJ em torno da FEMERJ, e das Federações em torno da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada, estamos conseguindo reabrir o espaço e preservar o estilo do montanhismo tradicional, do montanhismo amador, que é esse que é praticado nos clubes", finalizou André Ilha.

A esperada apresentação de fotos da "História do Montanhismo", apresentada por Waldecy Mathias Lucena, fez neste ano uma homenagem a Raimundo Luiz Minchetti, guia do CEB, falecido em abril de 2008. "Minchetti tem as fotos mais impressionantes que já vi e, por isso, decidi dividir algumas com a comunidade de montanha. Nada melhor do que o Encontro de Veteranos para isso.", conta Waldecy.

A surpresa do evento foi o quadro "Velhinhos Ativos", montado por Márcia Aranha, a partir de uma sugestão do Roberto Schmidt, que fez a apresentação das fotos de montanhistas com mais de 60 anos, que continuam subindo as montanhas com muita animação e entusiasmo. "Pena que não pude me estender mais nos agradecimentos aos jovens que se dispuseram a acompanhar os 'Velhinhos Ativos' nas suas tentativas de superação física e psicológica que certas vias e trilhas exigem. É no treinamento sistemático feito, muitas vezes anonimamente, por jovens que se dispõem a ajudar um veterano a retornar a uma via aparentemente fora das suas possibilidades, é que está toda a grandeza do montanhismo", enfatizou Schmidt.

Os certificados de Montanhistas Veteranos foram entregues por Bernardo Collares, Pedro Bugim, Waldecy Lucena e Jean Pierre Von der Weid.

"Em cada encontro, recordamos e aprendemos sobre a história do montanhismo, integramos várias gerações e reforçando a amizade que sempre foi, e sempre será, o elo forte entre as pessoas que se harmonizam com a natureza", dizia também o texto de divulgação do evento.

Femesp comemora conquistas

Completados 7 anos de sua fundação em março de 2009, a FEMESP encerra o ano com muitas conquistas importantes para comemorar.

DIRETORIA FEMESP | SP

Neste ano, contando com o apoio dos clubes e de seus voluntários conseguimos algum espaço para os montanhistas junto aos nossos parques, apoiar nossos atletas da escala indoor nos eventos mundiais e realizar eventos. Entre algumas de nossas principais conquistas podemos citar:

- Não-obrigatoriedade de guias em Parques Nacionais
- Parque Estadual do Jaraguá: reabertura dos setores de escalada
- Parque Nacional de Itatiaia: reabertura de trilhas do planalto para montanhistas filiados à FEMESP: travessias Rui-Braga e Rebouças-Mauá
- Seminário de Montanhismo de Mínimo Impacto no Complexo da Pedra do Baú: este evento, realizado com sucesso, teve como objetivo a integração da comunidade montanhista e a manutenção da qualidade e da segurança das vias de escalada no Complexo. O seminário contou com a participação ativa da comunidade e de nossos escaladores mais influentes e após três meses de trabalho foi compilado um documento que estabelece um conjunto de práticas de mínimo impacto, que se encontra disponível para consulta em nosso site www.femesp.org.
- Seleção Juvenil de Escalada: através de nosso apoio à CBME, conseguimos pela primeira vez formar uma seleção juvenil de escalada para participar do Mundial Juvenil em Valence, França. A delegação brasileira foi a maior delegação nacional a participar do mundial, que contou com a excelente colocação de Felipe Camargo em 12o lugar em sua categoria.

- Campeonato Escolar: apoiamos a realização do Campeonato Escolar de Escalada Esportiva, voltado para as novas gerações, com idade entre 5 e 16 anos, contribuindo para a formação de novos atletas.

- Ranking Paulista 2009: estamos conseguindo atrair novos competidores para participar do Ranking Paulista com as categorias Amador, Juvenil e Infantil, renovando o sangue para os próximos eventos.

Adicionalmente, continuamos lutando pelos nossos direitos, pela ética no montanhismo, pela preservação de nosso meio ambiente e pela prática segura das atividades de montanha, com os seguintes projetos:

- Ações junto à administração pública (Ministério dos Esportes, Órgãos Governamentais e Senado Federal): buscando a afirmação do montanhismo como esporte no Brasil e de nossas entidades estaduais e federais, também buscando a reabertura e não-fechamento de trilhas e locais para a prática das atividades de montanhismo. No momento também estamos participando das consultas públicas para a criação do PARNA Altos da Mantiqueira.
- GT Qualificação: homologa os cursos de montanhismo oferecidos pelos nossos clubes filiados e emite selo de qualificação de montanhistas.
- GT Regrampeação: objetiva garantir a manutenção e boa condição das vias de escalada organizando a comunidade para efetuar a troca de grampos e chapeletas em mau estado
- Dicas de Segurança e Clínicas Técnicas: objetivam divulgar as técnicas de escalada difundindo o conhecimento e promovendo a escalada segura.



Ranking Brasileiro de Escalada Esportiva.

A FEMESP é uma instituição sem fins lucrativos cuja força motora depende exclusivamente de voluntários. Fazemos parte da CBME (Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada) e através dela somos sócios da UIAA (União Internacional das Associações de Alpinismo) e

IFSC (Federação Internacional de Escalada Esportiva). Caso você tenha interesse em conhecer melhor o nosso trabalho e contribuir, acesse www.femesp.org. Bom fim de ano e boas aventuras!

www.halfdome.com.br

Venha se equipar na HalfDome - As melhores marcas ao seu alcance - Venha se equipar na HalfDome - As melhores marcas ao seu alcance

Al. dos Nhambiquaras, 946
São Paulo - Moema
Tel.: 11 5052-8082

Cursos de Escalada
Básico e avançado de escalada móvel, conquista big wall e reciclagens

Guias de Montanha
Brasil: Pedra do Baú e região, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Sul e Nordeste
Exterior: EUA, África, México e Espanha

Brasil + Exterior
Escale com tranquilidade nos melhores points do planeta

MONTANHISMUS
Escola de Escalada em Rocha
WWW.MONTANHISMUS.COM.BR
SAO BENTO DO SAPUCAÍ - SP
(12) 3971.1470

USANAKO O MELHOR
SNAKE SOLO deuter BOSCH

acesse também: WWW.eliseurtechpu.com.br

gringa climbing

ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL

WWW.GRINGAAGARRAS.COM.BR

COMPRE DIRETO PELO NOSSO SITE!

agarras training systems

TEL: (11) 7122.1272
(11) 8574.8319

FERRINO
CONTEMPORARY OUTDOOR SINCE 1870

MELHOR Custo Benefício 2009 Outside

Gravity 25

- ✓ Bolso na barrigueira
- ✓ Porta bastão
- ✓ Porta esqui
- ✓ Rack de mosq. na barrigueira
- ✓ Rack de mosq. interno
- ✓ Fitas acessórias
- ✓ Bolsos externos
- ✓ Porta Bastão/piolet
- ✓ Compartimento e saída para sistema de hidratação
- ✓ Costado e alças ventilados
- ✓ Fixadores de bastão/piolet e esqui ocultáveis
- ✓ Bolso externo

www.m-arnaud.com.br

M. Arnaud & Cia. Ltda.
Soluções em atividades verticais

Mulherada Radical

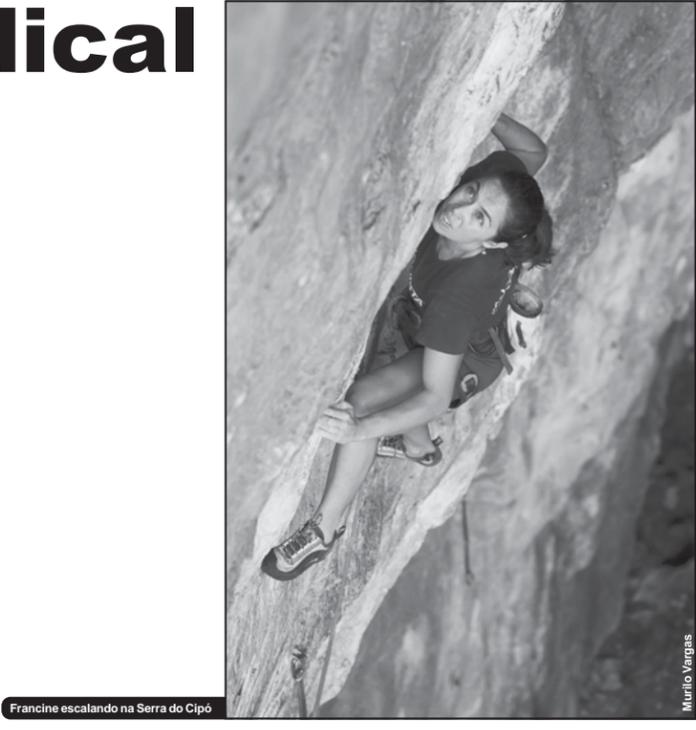
Fernanda Rocha | MG

Não é de hoje que a escalada vem crescendo no Brasil. A atividade vem deixando de ser um universo de malucos, para ser considerada um lazer, uma forma de estar em contato com a natureza, e mais que qualquer coisa, vem crescendo como esporte.

Em tempos passados, as mulheres nem eram vistas em áreas de escalada, era barba e bigode e só, mas como disse, com o fomento da atividade, pouco a pouco foram aparecendo as meninas da escalada, umas apareceram e se foram, outras tantas chegaram para ficar e fazer história. Minas Gerais é um estado famoso pela quantidade e qualidade da rocha, e também conhecido pelas belas e simpáticas mineiras. Posso dizer que a mulherada está barbarizando e fazendo bonito. Acho importante que mulheres ocupem espaços antes não explorados, temos talento, leveza, somos determinadas e guerreiras, afinal, viemos para gerar filhos, e isso é uma carga muito intensa; que nos faz fortes e frágeis ao mesmo tempo, mágicas da natureza! Podemos surpreender em vários aspectos e que fique claro: para mim não vale ganhar a liberdade e virar feminista, pois se a idéia é vencer o machismo, nada de tentar nos igualar aos homens, mas sim mostrar do que somos capazes, nossas habilidades, nossa garra, nossa forma carinhosa de fazer força. Eu mesma sou contra qualquer forma de comparação, o que me move é o espírito de liberdade, e para sentir na íntegra, é preciso também libertar a mente das coisas mundanas, quem é melhor; quem fez o que...

Quando comecei a escalar, me deparei com lugares exóticos, lugares que remetiam a minha infância, a natureza tem poderes que desconhecemos, ela acalma nosso espírito. Fui convidada pelo Eduardo "Ralf" para escalar a cachoeira do Tabuleiro 273m de queda. Simplesmente tentar descrever a sensação, estaria diminuindo a real emoção... A partir dessa expedição, ele começou a me chamar para escalar outras paredes, mas como ele diz, virei uma fominha, e eu mesma o obrigava a me levar para todas as outras roubadas que vieram. Daí foi como um vício, fui arrebatada, e entrei em uma espécie de transe, largando a faculdade e resolvendo viver de escalada... Ainda continuo nesse transe, na verdade, é preciso ser um guerreiro para sobreviver de escalada no Brasil, mas costume dizer que é mais forte que eu, nem eu sei direito o porquê dessa escolha, mas sei que foi assim...

Desde então comecei a fazer tudo que as pedras poderiam me proporcionar, na esportiva, minha meta era fazer a tradicional *Sinos de Aldebarân*, na época, nenhuma mulher havia ainda a escalado sacando costuras, era uma via mítica, e virou meu mais novo sonho. Falei para o Universo: "quero escalar aquela via", o Ralf me disse: "quando mandar a Lamúrias você pode entrar nela. Tratei de mandar logo a *Lamúrias* e entrei avistando a *Sinos*, no perrengue, um crux na seqüência do outro, afinal, era uma via 8c e eu havia mandado um 7b, tinha dois anos de escalada, não tinha aquela pressão que a via exige, mas não estava preocupada com o grau e sim com aquela linha maravilhosa, até dedo dentro do grampo rolou, e quando cheguei no cume, meus olhos se encheram de lágrimas, pois eu tinha acabado de realizar um sonho, chamei meu parceiro Kaka. (Edgardo Abreu), que foi responsável pelo meu sucesso, porque o cara tem a vibe da montanha e me colocou a maior pilha, porque alguns tentaram me fazer medo, dizendo que tinha abelha na via. E realmente tinha, mas eu me entendi bem com elas, e era uma espécie inofensiva que no máximo enrola no cabelo. Mas me apaixonei mesmo pelas grandes paredes, nossas montanhas brasileiras... Pelo conjunto da obra, a logística da organização, os parceiros que você escolhe para conviver durante dias; às vezes dividindo um pequeno platô, ou até mesmo dividindo grampos em uma parada, os lugares virgens cheios daquela energia selvagem, nossa! Eu pirei! Eu pirol! Ver o mundo do alto aumenta nosso campo de percepção, mostra como somos pequenos, e como o mundo é grande! Faze-te crer em coisas que a sociedade não ensina, como ser companheiro, hoje é cada um por si, mas na montanha a união faz a diferença, e não é só isso, existe algo subliminar, como fazer força, parece aliviar o karma, mas isso já é coisa minha. Acredito que a escalada me trouxe uma disciplina espiritual, que fala mais alto que qualquer voz, como a voz do ego, por exemplo; que, nossa, como é insistente! Na parede nem sempre o sucesso é garantido, é preciso superar também a idéia de que o cume muitas vezes não é alcançado, na minha última expedição mesmo, carregamos cargueiras lotadas de equipamentos, subimos um rampão de duzentos metros, que tive que guiar todo molhado, (uma adrenalina que não quero passar mais), uma hora e tanta de subida e a chuva nos fez voltar para casa, com o sonho de retornar naquela montanha e dormir na parte mais alta dela, mas não foi daquela vez... Bom demais também, eu sou da teoria que, enquanto está tudo bem, não vale ficar chorando ou ficar nervoso à toa, a vida é esplêndida, as pessoas é que poluem com suas ganâncias e disputas, para mim tudo é lindo e maravilhoso sempre quando é mesmo. Melhor ainda é chegar de uma roubada e encarar uma escalada esportiva para relaxar, encontrar amigos e amigas, ah é, estávamos falando das garotas. Elas estão em alta, na esportiva estão atingindo níveis elevados, quando comecei a escalar, Minas não tinha a cultura feminina da esportiva, era uma escalada sem maiores comprometimentos, ouvíamos falar de escaladoras que mandavam grau alto, como a Mônica Pranzl do Rio, a Vanessa Valentim e a Gisele Ferraz do Paraná. Hoje já temos mineiras que mandaram oitavos e nonos graus. Eu já cheguei a mandar até nono grau, mas minha paixão mesmo é a montanha, foi ela que me fez largar a faculdade, amo a esportiva, mas estava difícil conciliar a escalada de parede e ela, pois meu patrocínio é para escalar paredes, então é minha prioridade, cheguei a ter overtraining por excesso de treinamento, e resolvi não me cobrar cadenas e sim priorizar as escaladas de parede. Quando estava prestes a mandar um 9c, tinha que ir para expedição, e aí resolvi deixar o tempo cumprir seu papel, ainda tenho poucos anos de escalada, seis, e sei que alguns resultados na esportiva vão vir com tempo, sem stress, porque como disse, não é prioridade para mim. Mas continuo entrando em dias pesadas, não só eu, uma quantidade razoável de mineiras. Temos a Roberta Resende, mineira carioca, mandando também vários oitavos e nonos sem pestanejar, a Rafaela Disciaciati moradora do cipó, escala bonito e forte, a Marcela Renalce que, começou para acompanhar o marido, e agora está enfeitando as vias pesadas da serra, a Gisele Alcântara, grande amiga, mulher forte, divertida, morde as agarras sem reclamar. A Anne Louise, escaladora que começou mandando bem, sabe aquelas que você vê que já é forte sem treinar? A Fabiola Dellaretti, nossa mamãe radical, sarada e disposição total. A Maira de Oliveira, menina caladinha, quando distraímos lá estava ela, nas vias clássicas e difíceis, a Flor dos Santos, nativa da Serra do Cipó, escaladora destemida, sagaz, a Ana Magalhães, menina doce e forte, nossa! Deixe eu me lembrar das outras... Tem as meninas da Escalada das Minas, que são das antigas aqui nas Gerais. Não podemos esquecer o pouco tempo que ainda temos na escalada esportiva aqui em



Francine escalando na Serra do Cipó

Minas, a falta de incentivo, tudo isso faz com que o nível demore mais a se elevar, mas a verdade é que o nível já está alto!

As mulheres estão rompendo barreiras, vencendo obstáculos, ocupando espaços, superando limites e trazendo beleza e doçura para as rochas.

Acredito que atualmente em Belo Horizonte, temos umas trinta escaladoras, espalhadas pelo estado, deve ter muitas que ainda nem conheci.

Eu gostaria muito de mandar um recado de coração, que todas as mulheres acabem com essa lenda que somos competitivas entre nós, não precisamos disso, cada uma tem um segredo guardado, uma característica própria, que nos diferencia. Além do mais, como falei no começo, nascemos para ser mãe, não para competir entre nós, devemos desenvolver nosso lado amigo, materno. Assim desenvolveremos nossa própria personalidade, o importante é manter o foco em nossos defeitos e superá-los, assim como superamos o crux de cada via.

Vamos acabar com essa estória chata e banal, vamos escrever uma nova história, onde as mulheres não serão seres competitivos, mas sim seres amáveis, prontas para carregar um anjo nos braços, prontas para ajudarmos umas as outras. Enfim, vamos escalar, curtir a vida curta! A verdade então é essa, a escalada aqui em Minas vem crescendo e com ela, também aumentando a quantidade de mulheres, mulheres fortes e bonitas e foi tanta; que me veio a idéia de fazer um calendário feminino de escalada, a vontade era de colocar todas, mas são apenas doze meses, sendo assim, tive que escolher doze, na maioria meninas de BH, algumas estavam lá na hora, outras porque realmente tinham que participar, como a Janine Cardoso, seis vezes campeã brasileira, não dava para não colocar. A idéia do calendário é passar a beleza da mulher, a unha pintada, o top colorido, o brinco, a faixinha no cabelo, o rabo de cavalo, as roupas combinando, a leveza na hora dos movimentos, enfim, é uma arte uma mulher na pedra, e o calendário deseja retratar isso. Esse vai ser o calendário 2010, o primeiro, mas vamos fazer todo ano, esse foi todo na Serra do Cipó, por falta mesmo de recursos, mas a idéia é rodar o Brasil em busca de belas escaladoras em vias exuberantes, e sei que não vai ser difícil. Gostaria de agradecer o Gustavo Baxter e o André Portugal, profissionais que estão trabalhando comigo no projeto e abraçaram a idéia, porque de certa forma, já tinham sonhado em fazer esse trabalho, quero agradecer também ao Eliseu Frechou e ao Eduardo "Ralf" Azevedo, que não me deixaram desistir, porque acreditaram no projeto, a Conquista e a Snake que apoiaram com equipamentos, as garotas Dedos Fritos que brilharam nas vias, arrasaram, isso vocês vão poder conferir e sei que vão concordar comigo.

As que não entraram no calendário desse ano, realmente foi por falta de espaço, mas cada uma delas seria uma bela página de algum mês.

Quando escrevo para o Mountain Voices, confesso que fico emocionada, pois o montanhismo mexeu e mexe muito comigo, modifiqueu minha vida, hoje poderia ser uma advogada, mas vivo a vida subindo montanhas, e quando pensei em desistir, o Eliseu novamente me deu uma palavra de incentivo, que talvez ele não saiba o quanto isso significou para mim, acredito mesmo nas vozes das montanhas... Acredito que as dificuldades estão aí para serem vencidas, as vias estão para serem escaladas e eu levo isso pela vida, a garra na hora de tentar catar um reglete no bote, parece que não vai dar, e a gente descobre uma força interna que desconhecíamos, a mão fica e a sensação é de vitória. Quando fazemos um furo de grampo na munheca, parece que aquilo é uma coisa impossível, que nunca você vai conseguir romper a rocha dura, mas pouco a pouco vai nascendo aquele furinho, quase sempre no perrengue, tipo, precisava sair logo, mas é preciso ter paciência, e quando se menos espera, você está a salvo, e por você mesmo, pelas suas próprias mãos! Realmente o montanhismo é uma coisa mística, difícil tentar descrever as sensações. Quando se está num boulder, fazendo força surreal, é uma sensação de se estar brincando novamente e isso faz com que a gente se sinta feliz, vivos .

Fernanda Rocha tem patrocínio da Prana Ltda.

Apoio da Conquista, Snake, Adrena Esporte e Aventura.

Evolução mutante na escalada

Adam Ondra redefine a escalada de dificuldade.

André Berezoski | SP

Assim como o vírus da gripe, a escalada, os escaladores e os estilos estão em constante mutação, ficando difícil acompanhar suas mudanças e trazendo novas descobertas e revelações nesta constante evolução. A "era Ondra" mostra que a velha receita de remédios já não surte mais efeitos com os novos estilos apresentados das novas gerações.

O ano de 2009 demonstrou o que sempre se esperava das gerações emergentes das categorias de base ou dos juvenis, mas com uma diferença muito sutil: dentre os vários nomes que surgiam ao final de cada temporada, muitos deles se apagaram e simplesmente entraram para a estatística de mais um bom competidor ou escalador de rocha, já Adam Ondra, o tcheco de 16 anos veio finalmente confirmar e mudar esta teoria e muitas outras, no sentido de que nem sempre o melhor treino é o que traz o melhor resultado, e confirmando outra teoria minha do momento ou treinamento (texto já escrito para o MV anteriormente). Ondra se solidificou como o melhor escalador após várias gerações, varrendo vias on sight de até 8c FR, trabalhadas de até 9a+ ou mais, boulders de V13 de primeira e V14 em 2 horas; competindo em dificuldade, ele atropelou todos os nomes carimbados dos últimos 4 anos, e em boulder também se mostrou um escalador completo levando cadenas de alto grau de dificuldade até as grandes paredes, ou seja, aparecer outro nome com estas características pode demorar um tempo. A era Ondra mostra outra mutação muito importante, a relevância sobre treinamento se questiona ao saber que ele simplesmente não encosta na resina focado para treinar especificamente para competições, ele simplesmente passa o ano todo viajando com os pais de point em point de escalada em rocha o ano todo.

Na outra ponta da corda, outros escaladores ao se depararem com tal fenômeno, buscam uma única alternativa, treinar três vezes mais para tentar chegar perto ou criar uma diferença mínima para poder entrar no podium a cada etapa, tarefa difícil quando se passou muitos anos se dedicando à competição e treinos e ter que confrontar com um real talento, caso do espanhol Patxi Usobiaga, que admite não ter nascido nem ter a genética especial para a escalada, e ter que treinar muito mais. Mesmo assim sua experiência demonstrou ser parte essencial dentro da escalada, se mantendo na liderança da

Copa até a última etapa e garantindo um 2º lugar no geral, e isso posso garantir pessoalmente após 155 competições participadas que a vivência dentro deste circuito é de extrema importância. Por aqui, nossa situação se complica ainda mais, com o topo do parâmetro se estendendo ainda mais, as fórmulas farmacêuticas se tornaram caras para trazer soluções de fora, ou seja, se antes o caminho percorrido de treinos + dedicação + disciplina + etc....já era árdua, agora tentar atingir um mutante se torna um missão quase impossível até para o “Magneto” do Xmen. Cesima, Felipinho e eu, apesar de termos aberto caminho e alcançado posições mais que importantes para a história nacional e sulamericana, ao se deparar com um parâmetro desse porte, só nos resta continuar tentando a cada dia, apesar das imensas dificuldades, e acreditar sempre no nosso potencial perante a falta de incentivo e apoio.

Mas voltando ao assunto Ondra, outro exemplo que podemos tirar dessa aparição, é sobre a dúvida na hora da decisão de se treinar ou não, escalar mais em rocha e evoluir, ou se internar em uma parede de resina e fritar a pele e destruir os dedos, se privar de horas com amigos aos finais de semana na rocha em prol da escalada de competição, que por sua vez podem trazer benefícios como divulgação e, por consequência, um possível patrocínio. Nossa atual realidade não nos permite tal regalia, mas com o passar dos anos percebo claramente a importância de se vivenciar o “momento” e desfrutar a fundo de uma situação, competição ou desafio na rocha, tenho comprovado com experiências pessoais e de outros escaladores de que ao se realizar determinada tarefa sem pressão externa ou sem cobrança, tudo acaba fluindo com imensa naturalidade (desde que se tenha experiência ou capacidade física mínima) capaz de surpreender ao mais incrédulo dos treinadores. Em 18 anos de escalada, comprovei que ao invés de horas a fio de treinos trocadas por horas a fio na espera do momento de poder escalar novamente foram essenciais para estar escalando como nunca em rocha e desfrutar de cadenas até então difíceis de imaginar sem estar ao menos treinando, prova de que a motivação mais uma vez se torna elemento essencial na evolução em qualquer estilo de escalada. Sendo assim, a “fórmula Ondra”, até o momento, se rever-

te em o mais completo “coquetel de remédios” nessa busca para encontrar o melhor método para se evoluir, e que mais uma vez as gerações mais recentes tendem a substituir por novas “bulas” as já conhecidas e praticadas fórmulas de evolução, e com novos mutantes aparecendo pelos mais diversos cantos do Brasil, surge uma nova colheita de bons escaladores, ultra motivados, com um imenso potencial, pilhados e com todo o tempo livre para se dedicar à escalada, mas que se não tomarem conta de que experiência na escalada ou competição só se adquire vivenciando as mesmas, todas estas características e valores ficarão estancados até o final de uma temporada. Uso este exemplo para confirmar a necessidade de se substituir e renovar a categoria máster do campeonato brasileiro, que contou com apenas 4 escaladores na última etapa em São Paulo, uma lástima recorde em toda a história da escalada de competição nacional,

André “Belê” Berezoski: Escalador apoiado: Conquista, Casa de Pedra, Endorphine óculos esportivos, S.O.S. Sapatilha e BelêPad.


Black Diamond™

Utilize o nosso ecommerce e adquira os produtos Black Diamond sem sair de casa. Verifique também as ofertas exclusivas.

Distrib. no Brasil: noZica Com. Imp. Mat. Esportivo Ltda.
Informativos no site: **www.nozica.com.br**
Email: **contato@nozica.com.br**
Tel: **11 4496-1076**



www.blackdiamondbr.com.br

www.mountainvoices.com.br

As conquistas no Morro do Cuscuzeiro

Uma breve história sobre o Morro do Cuscuzeiro em Analândia, e as perspectivas futuras da escalada esportiva na região de arenito do interior paulista.

Rodrigo Chinaglia | SP

Passado
No último ano, o interior de São Paulo sofreu significativos avanços no que tange à conquista de novas vias esportivas. Nos últimos 10 anos, nossa região vinha sofrendo com a escassez de novas conquistas, tendo sido abertas apenas “meia dúzia” de vias aqui ou ali. Uma tarefa que não é fácil e que muitas vezes requer tanto empenho quanto a cadena de uma via acima do seu grau, mas que por fim se torna muito mais gratificante, pois o fruto do seu empenho fica ali para as futuras gerações.

Fica difícil falar das nossas conquistas sem contextualizar como nossa região chegou onde está hoje, então vou falar um pouquinho de história. Não é necessário voltar mais do que 15 ou 20 anos, que é quando as vias esportivas começaram mesmo. Lá pelo final da década de 80 começaram as primeiras vias no Cuscuzeiro, que na época eram somente escaladas de topo-rope direto nos pinos chumbados pelo GAE (Grupo Alpino Espeleológico, precursor do CUME). Estas vias começaram a ser equipadas para guiar pelo pessoal do grupo chamado “Viagem”, que até esteve presente na primeira reunião de fundação do CUME, na UFSCar. Essas vias eram quartos e quintos graus que, na época, eram o supra-sumo do climb na região. Vias como *Bundão*, *Espinhosa* e *Pervas*, todas no platô do bundão no Cuscuzeiro faziam a festa de quem tirava o dia pra ir escalar. Eram poucas vias, mas que supriam à demanda dos escaladores, que também não eram muitos. Na época, a superação era, com a miséria de equipes que tinhamos, conseguir estar lá, escalando essas poucas vias. Mas depois veio o plano real, a abertura econômica, e com estes vieram os equipes de verdade (e mosquetões a R\$10, diga-se de passagem): Não mais seria preciso usar cadeado fechado como mosquetão ou fita de judô como fita de costura. O Maurício Clauzet (Tonto) veio conquistando várias novas vias como a clássica das clássicas: a *Visual*, e outras não menos famosas, como *Paredão* e *97 bons motivos*. E aí em 95 chegou um alemão doido, o Karsten, e abriu em 15 dias umas 7 vias no melhor estilo esportivo, protegidas para guiar com pino colado. Iria direto pro céu junto com São Gullich não fossem os estícoes “psiquíssimos” em vias como a *Watch me* (Vlsup) (quase 20m de via e 4 chapas mais base) ou a *Fly or Die* (Villa). No fim das contas saiu com o seu karma no zero a zero. Um pouco depois chegou um mutante no CUME, o Fernandão “Marmota”, e com sua turminha: Alexandre “Salsicha” & cia, abriu vias mais pancadas como *Urubus cadentes*, *O dia da marmota* e *Caixa de pandora* – que por quase 10 anos ficou sendo a via mais forte no Cuscuzeiro, um 9b ainda com poucas repetições (a *Sunday Bloody Sunday* também é dessa turma). Enquanto isso o Tonto também conquistava filés como a *Distúrbios do sono* entre outras. No início da década de 2000, as coisas começaram a rarear. Exceto por poucas conquistas isoladas por parte dos locais analandenses Marquinhos, Rodrigo, Anita e Flavinho, como *Marreta*, *Cactus now* e *Cascavel* nos idos de 2003, as conquistas no Cuscuzeiro ficaram meio paradas.

Na mesma época, o pessoal de Itirapina, como Stélio, Murilo e Eduardo Santini, começaram a equipar para guiar algumas vias no Vale do Céu, em Itaqueiri da Serra. No começo, eram poucas: *Adesão oposta*, *Varição mental* e *Compartimento secreto* apenas, mas já era mais uma alternativa para fugir do sol do Cuscuzeiro, e somar mais vias para o repertório da galera,

pois são vias com movimentação diferente. O número de locais que tínhamos pra escalar praticamente tinha dobrado, já que o Camelo nunca foi muito apreciado pelos escaladores, apesar de possuir 3 vias, quase todas (se não todas) conquistadas pelo próprio Tonto.

Em 2006, no Cuscuzeiro o Michel “Anjinho” conquista a *Distúrbios de Jah* junto com o André Magrão, e em 2007 o Rodrigo Pierobon termina a segunda enfiada da *Cascavel*. Mais vias são abertas em Itaqueiri pelos locais, e o pessoal do CUME de São Carlos começa as primeiras investidas na fazenda invernada, com a abertura das vias *Barranco noveá* e *Caixa de fósforo*. Porém, apesar do grande potencial, com o retorno das abelhas e a desconfiança na qualidade da rocha, o pico fica meio abandonado por 2 anos.

Na mesma época, de tanto eu falar numa tal gruta onde eu costumava acampar com os amigos na época do Colegial (quando eu ainda não escalava), o Samir Abdelnur comprou a idéia e resolveu ir conferir o tal lugar. Boulderista assumido, ele pirou no pico e já saiu falando pra todo mundo, visualizando e abrindo linhas clássicas, que hoje em dia são o *Fuck* e o *João Batista*, entre outros. A galera começou a freqüentar cada vez mais, e os graus foram subindo, no início alguns V2, V3, depois o FA do *João Batista*, na época cotado em V7 (hoje em dia V6). Hoje temos o *Cruxfixus do inferno*, um provável v9/10 com mais de 80 movimentos e 26m de teto e há ainda projetos esperando o FA como o *Loskot*.

Em 2007 o Bruno Alberto (Beto) e eu começamos a negociar o acesso em outro local de escalada, e enquanto o acesso definitivo para todos os escaladores não era liberado, nós fizemos de lá nosso campo escola de conquistas. Um lugar mágico, com muita rocha, belezas cênicas indescritíveis, clima agradável, pertinho de São Carlos. As negociações com os donos se complicaram, e, enquanto a liberação não vem, nós não resistimos, e pusemos em prática tudo que havíamos aprendido na conquista de vias em outros locais. Nessa mesma época outro pessoal do CUME, como o Fernando Animal, o José Ricardo e o Renato Russo abriram mais algumas vias em Itaqueiri da Serra, como a *Toca da onça*, *Sétimo mandamento* e a *Cogeba*, e o Murilo, Anselmo, Gabriel e Stélio abrem a *Onda e Cascavel Cochila*, *mas não dorme*, uma das vias mais filés do pico.

No final de 2008, na invernada comecei a bater uma travessia pra direita da *Caixa de fósforos*, que depois viria a ser a *Narcotráfico*, para alcançar o que seria a base de outra via. Foi quando o CUME comprou a furadeira, e daí em diante, todas as nossas conquistas pararam de ser feitas no baterdor, entrando em cena a nova “metranca”. Com ela em mãos, com a ajuda do Beto, terminamos a travessia e furamos a base desse antigo projeto na invernada, a *Colômbia*. Na mesma época, o Beto e eu admiravamos uma linha no Cuscuzeiro, do lado esquerdo da *Insciável*, que equipamos, e hoje é a *Insociável*. E com a moda de conquistas de volta, o Fernando Animal e o Greg, junto com suas respectivas, Julia e Thais, abriram uma linha do lado esquerdo da *Urubus cadentes* no Cuscuzeiro, a *Sacanagem*. E de quebra já limparam um platô ainda mais pra esquerda, numa parede bem negativa e sem muitas agarras, e abriram a *Seleção natural* (com ajuda do Russo), que ainda não teve sua primeira ascensão. Enquanto isso na invernada, junto com o Funari, equipamos a



Rodrigo Chinaglia na via Nega maluca.

Bruno Alberto

Colômbia, e conquistamos a *Rolling Cones*. Talvez no mesmo dia, o André “Baiano” (que tinha ajudado a conquistar algumas das vias naquele pico não liberado) e eu começamos a conquistar a *TPM*, também na invernada. Alguns finais de semana depois com o Beto, na invernada, de um lado progredimos mais um pouco na *TPM*, e do outro batemos a base da Fenda de *Éris*, que eu acho que tem que ser chapeletada pois não confio na rocha podre, e o Beto acha que tem que ser em móvel, o que talvez dê um E2 ou E3. (*Éris* é a deusa da discórdia, na mitologia grega). E não parou por aí, na mesma época, o Beto e eu conquistamos mais 3 vias no 3º setor em Itaqueiri da serra, a *Refrigerante de musgo*, sendo esta toda equipada, e as outras duas em móvel: *Cágados de fogo* e *Diedro 31 de fevereiro*.

E aí vieram as férias, viagens, tendinites, etc, e as conquistas ficaram meio esquecidas no primeiro semestre, mas no segundo semestre de 2009 elas já retornaram a milhão, mas isto já é presente!

Presente

Estive fazendo uma viagem de 3 meses pela Europa, misturando um pouco de retiro espiritual na casa da minha irmã, com 1 mês de escaladas “a muerte” no norte da Itália (Arco, Riva del Garda), e Valência, na Espanha, sempre na companhia de bons amigos. E enquanto estive fora as conquistas rarearam. Quem continuou na pi-

lha das conquistas foi o André Funari, que havia visualizado junto com o Fernando Koberle, uma segunda enfiada da via *Denorex*, no Cuscuzeiro. Infelizmente o Koberle não pode ir às próximas investidas, e com a ajuda do Beto e do Ruffino, o Funari terminou o que hoje é a *Moonwalk*, uma semana antes de eu chegar. E uma semana depois de eu ter voltado, o Fernando Animal me perguntou se poderia abrir uma linha ao lado da *TPM*, na invernada. Não só concordei, como no domingo seguinte estávamos lá: Animal, José Ricardo, Beto, Marião e eu para abrir a via, que, apesar de uns blocos ainda precisarem ser colados, já ficou pronta no mesmo dia.

Foi aí que comecei a não saber mais onde começava a via de um e terminava a do outro, pois no final de semana seguinte, o Beto e eu fomos com o Funari para o Cuscuzeiro ver como estava uma via na face leste (entre a manga com leite e a carteirinha) que havíamos batido uma única chapeleta para tirar o pêndulo por causa da inclinação da parede, quase um ano antes. Acabamos furando metade dela, 7 chapeletas e limpando alguns blocos soltos (a via ficou apelidada de *Nega Maluca*, devido às touceiras de mato que lembram uma peruca de carnaval estilo black power no meio da via).

No dia seguinte, voltei com o Funari no Cuscuzeiro e no mesmo setor entramos conquistando debaixo uma linha que há muito tempo ele namorava, e em menos de 5 horas de

trabalho, terminamos a *Xeque-mate*. Mais uma via! No final de semana seguinte, fui com o Beto numa linha que desta vez eu é quem namorava há muito tempo ali no Cuscuzeiro, no mesmo setor. E numa sexta feira (sim, sexta feira já é final de semana!) conquistando debaixo pra cima com a ajuda do índio que entre um rola e outro estrategicamente me passava a furadeira para fazer a conquista (é complicado explicar!) livramos um diedro que entra numa fenda maravilhosa que ficou em móvel. A via ficou batizada de *Admirável bloco solto*. Deixamos uma corda fixa, e no dia seguinte começamos guiando a via de 7 chapeletas que havíamos começado na semana anterior. Bati mais 2 chapas artificializando, e com a ajuda do Koberle, descobrimos que era possível fazer uma variante mais fácil pra esquerda, que já ficou batizada de *Aerolitos* pois chega numa parte da rocha muito bonita, amarela, com pequenas nuances de cor e textura, e fica bem aérea. O Beto ainda tocou pra cima mais um pouco na *Aerolitos* e protegendo em bicos de pedra farelentos, conquistou mais alguns metros num diedro e colocou outras duas proteções fixas.

No dia seguinte (domingo), num trabalho de cooperação mútuo da galera que resolveu nos ajudar (Beto e eu), quase terminamos mais duas linhas. Enquanto o José Ricardo tentava livrar a Nega Maluca até onde ela estava pronta, o Funari já fez cume pra armar uma corda fixa na base da *Nega* que já esta batida há quase um ano. Ao mesmo tempo o Beto jumareava nas cordas fixas do dia anterior pra continuar a *Aerolitos*. O Funari já foi furando no negativo como dava, pra ir reenviando a corda e ficar mais próximo da parede, e o José Ricardo já livrou mais uns lances e colocou mais uma ou outra proteção na *Nega*. Com isso a *Nega* ficou praticamente pronta, só necessitando de mais uma proteção intermediária para tirar o psico de um esticão. Como estávamos todos ali no platô entre a *Manga* e a trilha sul, os Fernandos Animal e Koberle resolveram entrar na *Manga com Leite* e já emendar na *Biotônico*. Ao descer no rapel, com o clima de conquistas no ar, o Animal já se empolgou numa linha que sai reto do chão até a base da *Biotônico*, bem ali onde o vento faz a curva, e armou o topo-rope. A Julia e o Koberle escalaram, ajudaram a marcar onde iriam as chapas, e ele escalou e desceu fazendo alguns furos que o resto de bateria permitiram.

Tem sido uma coisa realmente impressionante a cooperação que está rolando entre a galera do CUME. Depois de tudo isso, já não sei mais qual via é de quem, quem é autor, quem é ajudante, quem é protagonista, quem é coadjuvante, pois todos tem tido papéis fundamentais nesse trabalho de abertura de vias. Alguns visionários, como o Beto, que alucinou na linha da via, eu comprei a idéia, o Funari que era meio desconfiado se saia alguma coisa ali já pegou pra ele o projeto lá em cima (da 11ª à 16ª chapa) e a roubada de furar no negativo, o José Ricardo que havia praticamente caído de pára-quadas já abraçou a causa e o que era pra ser só uma escadinha acabou virando compromisso, nos ajudando ao entrar na roubada, ficando horas pendurado na cadeirinha, tudo por uma linha inédita numa face inédita no cuscuzeiro. O Animal e a Júlia que se empolgaram, armaram o top e já começaram a abrir aquela via ali do lado, e o Koberle que bem quietinho foi conferir um projetinho do lado esquerdo da *Admirável bloco solto*, que o Beto e eu já tínhamos marcado onde iriam ser os furos, e ajudou dando sua opinião sobre onde não por uma chapeleta (mais do que justo!). E em praticamente 3 dias um setor que não tinha via nenhuma agora conta com praticamente 6.

No final de semana seguinte foi feriado, mas no próximo, voltei com o Beto numa sexta-feira para dar uma limpada nas vias, fazer alguns furos que faltavam, porém, em vez de terminar alguma das vias já existentes, praticamente começamos e terminamos no mesmo dia uma nova rota, a *Desnudos y borrachos*. Uma linha bem atlética fora conquistado debaixo uma linha que há muito tempo ele namorava, e em menos de 5 horas de

outro descanso. Ficou faltando 3 chapas nos últimos metros da via, pois seria um lance bem forte e teoricamente achamos melhor chamar um de nossos amigos ozeros que poderiam isolar o movimento e nos dizer onde seria melhor bater as proteções. No sábado, o Animal e a Julia fizeram mais da metade da via começada na semana anterior, e o José Ricardo entrou na onda das conquistas e, com a ajuda do Koberle, também praticamente deixou terminado um projeto antigo dele, bem do lado direito da caverna que existe próximo à via *Carteirinha*.

Muitas destas vias não estão terminadas, é verdade, mas o trabalho mais difícil, de empolgar a galera a ir conquistar vias foi feito, e agora é só uma questão de tempo para que o setor novo esteja redondinho.

Futuro

Falar do futuro das conquistas na região é como falar o que queremos ser quando crescer. É preciso conciliar os sonhos e projetos, as linhas que vemos do chão, com o que realmente tem lá. Falando em termos práticos, ao contrário do que muitos dizem, que o Cuscuzeiro está saturado de vias, eu diria que não, que está saturado de farofeiros, que não vão lá pra escalar, que deixam lixo, fazem bagunça e escrevem o nome na parede. Vejo o aumento no número de vias do pico não como um impacto negativo, mas sim um alívio nas vias que já existem, pois o que temos visto recentemente não é o aumento do número de escaladores no Cuscuzeiro, e sim uma maior distribuição dos mesmos por mais vias, com menos filas e menos desgaste das agarras com um fluxo menor de escaladores utilizando as mesmas!

Com relação às novas vias, precisamos terminar estas vias começadas, suas variantes e começar a pensar também em dar uma olhada em outros picos em potencial. O ato de abrir uma via, por incrível que pareça, é a parte mais fácil da conquista. Pegar a base pronta de uma via, chegar ao cume de uma falésia por uma trilha que já existe, isso qualquer um pode fazer. É claro que não tira o mérito do conquistador, porém, o que a região precisa é de falésias novas, de picos novos, e conseqüentemente, de vias com estilos novos (falésia nova: agarras novas, movimentação nova). Nossa região tem muito potencial, porém, não é toda e qualquer falésia que se tornará um novo point de escalada. Algumas terão problemas de acesso com donos elitistas e arrogantes, outros com senhores simples que não querem perder o sossego em suas terras nas quais viveram a vida toda. Há também as falésias cuja rocha é podre, ou simplesmente a natureza não favoreceu a escalada, criando grandes paredes lisas como uma parede de concreto alisada com colher de pedreiro, ou encheu seus tetos com enormes e voluptuosos cachos de abelhas europeias. E isso já exclui muitas de nossas falésias em potencial. Porém, nosso potencial é realmente muito grande.

Basta andar de carro pela estrada que liga São Pedro a Itaqueiri da Serra, ou pelas estradas de Descalvado ou entre Analândia e Pirassununga. Num primeiro momento, o que seria mais importante e fomentaria ainda mais as conquistas, num cenário em longo prazo, seria criar um mapa de falésias em potencial. E em vez de ir numa falésia abrir uma via num final de semana, gastar o que se gastaria com bolts e chapeletas, e gastar em gasolina: rodar toda essa região com um mapa em mãos, e catalogar os possíveis locais em que se poderiam abrir vias. Um trabalho que demoraria semanas, talvez meses, mas que nos faria avançar anos, décadas. Vir pela estrada entre São Pedro e Itaqueiri observando as pedras mais exuberantes, fazendo a relação com um mapa e ir pessoalmente até o local, dar uma nota, para vários requisitos: Facilidade de acesso, potencial de vias (paredes lisas, presença de agarras), conforto (sol o dia todo, base plana, etc), presença de abelhas, dono tranquilo ou encrenqueiro, enfim, preencher uma planilha para cada falésia. Fazer o mesmo nas

falésias de Descalvado, Dourado, Itirapina, Analândia.

Para isso seria legal criar um GT para fazer essas incursões. O que não agradaria muitos escaladores, pois isso significaria perder um final de semana (ou até um dia do final de semana) de escalada. Fechar um carro com 4 escaladores (talvez quanto mais escaladores, menor a subjetividade da qualificação da falésia). Uma vez terminado esse processo de levantamento e catalogação dos picos potenciais, aí sim, seria hora de começar a botar a mão na massa. Cruzando os dados de distância x potencial, escolher quais seriam os mais indicados para se começar a abrir as vias.

Diálogo

Outra coisa que a região precisa é de um grande encontro regional para discutir as normas das conquistas. Nossa região é muito particular, e há algumas questões que precisam ser discutidas, como por exemplo: a conquista de um artificial num arenito: Furar buracos de cliff? Há arenitos por aqui em que isso não seria uma boa idéia. Bater pitons em fendas? Há lugares em que seria perfeito, e outros, uma perda de tempo. Escalada em móvel em fendas podres, tipos de proteção (parabolt de 6, 8 ou 12cm, colado, expandido, pino P). GT para remoção de abelhas. É certo que cada um deve ter seu próprio estilo de conquista, porém, como é feito em vários parques como no Parque Estadual dos Três Picos no RJ, há normas e diretrizes para conquista de novas vias. Buscando ouvir a voz dos escaladores que já conquistaram várias vias na região, e visando fomentar a conquista de novas rotas, seria bom reunir todos estes escaladores (conquistadores) num congresso, simpósio, encontro para discutirmos as características da nossa região entre nós. Conversar e trocar experiências nunca é demais. Para aprendermos com as experiências de todos. Seria um grande passo para o montanhismo de São Carlos e região.

PARA TODO TIPO DE AVENTURA, INCLUSIVE AS DO DIA-A-DIA!	
<ul style="list-style-type: none">Há mais de 20 anos no mercado Marca consagrada Qualidade, resistência e durabilidade Materiais impermeáveis Baixas temperaturas Garantia de 30 meses Adventure Center Acampar®	
<i>Também fazemos produtos personalizados com a sua marca</i>	<ul style="list-style-type: none">Mochilas Vestuário Acessórios Calçados Pochetes Bolsas
Loja Virtual www.acampar.com.br info@acampar.com.br	
	Shopping São José Rua Izabel a Redentora, 1434 L1 - Loja 112 - Centro - São José dos Pinhais/PR
Shopping Estação Av. Sete de Setembro, 2775 Loja 2060 - 2º Piso - Rebouças - Curitiba/PR - (41) 3029-2100	

RESSOLE SUA SAPATILHA NA



***SOS sapatilha**

- 15 anos de experiência no mercado**
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas**
- O menor prazo de entrega do mercado**
- Ressolamos com XS Grip Vibram**
- Pronta para sua cadena**

ACEITAMOS SERVICOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações
www.bele.com.br ou
ligue para 11 82446672

Itatim

Texto: Valtemir Matos BA



Ralf Córtes escalando. Aqui se faz aqui se paga, 8c no Morro do Napoleão.



← Enxadão
→ Henrique Gironha escalando uma das vias da Toca
→ Morro da Toca

O VIII Encontro de Escaladores do Nordeste foi realizado em outubro deste ano, com uma aprovação unânime dos escaladores que durante os quatro dias do evento contaram com uma estrutura propícia de alojamentos, transporte, segurança e entretenimento, além de 60 vias a disposição para escalar em três points diferentes. Com apoio total da Prefeitura Municipal da cidade, e sua Prefeita Raimunda Santos Silva "Mundinha" como é conhecida popularmente, a cidade ficará com o legado de ser mais um point de escalada já que na Bahia o único e conhecido era a Chapada Diamantina que fica cerca de 450 km da capital e 350 km de Feira de Santana a maior cidade do interior da Bahia onde o número de escaladores é maior que a capital.

A empreitada do encontro foi encarada por nós baianos, que em 2006 estivemos em Quixadá e onde traçamos uma relação direta com Itatim na Bahia, o clima, a vegetação, as rochas nas suas formas embora os granitos apresentem uma formação um pouco diferente já que as rochas de Quixadá predominam os seus cristais leitosos por todo lado. Quixadá é a capital cearense da escalada e agora após o VIII Encontro Itatim será a capital baiana de escalada.

Muitos foram os desafios, quando começamos escalar em Itatim, apenas vias tradicionais existiam por lá. Escaladores com grande experiência como Chico Rio e André Ilha deixaram cerca de 10 vias clássicas e daí começamos o desafio de abrímos 60 vias até a data do encontro. Ainda em 2007 Raimundo, numa ousada empreitada começou a via *Antibiótica*, via longa e clássica, onde o escalador se depara com muitas variações de grau em suas inúmeras enfiadas, e finalmente foi acabada no começo de 2009 com a ajuda de Otto, tornando-se um dos maiores desafios de Itatim. Nesta conquista muitos colaboraram: Wladimir, Valtinho, Ito, e Gera entre outros.

Em janeiro então começamos a mudar este quadro e em setembro Itatim já possuía além das vias clássicas suas 60 vias, graduação que varia de IV ao IXa. Para isso, portanto alguns fatores foram preponderantes: a chegada de Adilson Otto, de Santa Catarina. Escalador experiente com passagens inclusive na Argentina e o melhor: uma furadeira boa e louca para sair furando nas rochas de Itatim. O envolvimento de novos escaladores e aí veio uma galera boa, organizada e unida, a galera do Kaaporas, que assumiu todo o gerenciamento da logística e organização do evento, com muita competência digase de passagem, a ajuda de novos escaladores de Itatim os Calangos da Aventura e por últi-

mo a presença dos velhos escaladores e pioneiros em Feira de Santana.

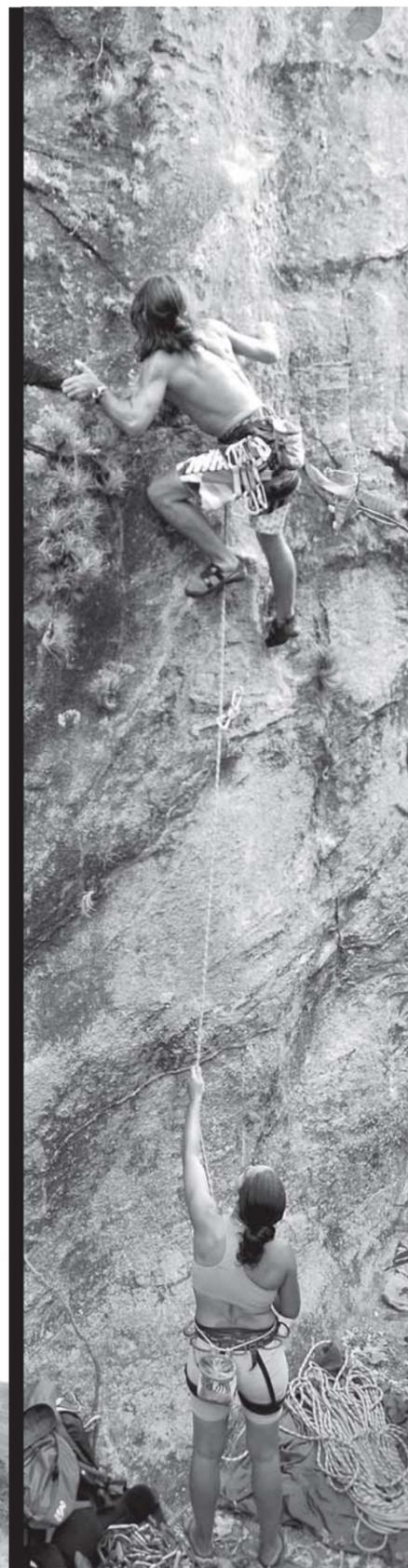
Algumas delegações não compareceram, mais isso não tirou o brilho do evento por dois motivos: se não vieram todos os nordestinos, tivemos a presença de escaladores de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Distrito Federal e até colombiano, ou seja, mais que um encontro nacional... internacional!

A galera de Feira de Santana está de parabéns por tudo e agradece a todos os participantes que fizeram do VIII encontro um evento bonito, pois sem eles de nada adiantaria tanto esforço.

O Encontro ficou marcado por muitas escaladas, interação, troca de experiências, workshops com temas variados em destaque a presença de escaladores de renome, e muito entretenimento proporcionado pelos escaladores e pela organização que entre outras coisas fez festas e até uma lan house para quem não dispensa uma net.

Bom, para você que não conhece ainda Itatim fica as margens da BR116, a 94 km de Feira de Santana e a 200km de Salvador. A Prefeitura, através da secretaria de esporte manterá uma estrutura com mapas dos setores e vias. Chegando lá é só procurar este órgão e seu secretário José Carlos para obter orientação. Lá também você encontrará o grupo Calangos da Aventura e em Feira, o Kaaporas onde você pode acessar para mais informações o site www.kaaporas.com.br, o grupo Caatinga Trekkers: www.caatingatrekkers.com.br ou ainda o CBM (Clube Baiano de Escalada) através do telefone (75)9144-5844 Valtinho.

Você não vai se arrepender de visitar Itatim e escalar nas pedras da Toca, Napoleão, Enxadão, Gavião e Ponta Aguda, além de ter outras dezenas de pedras para abrir novas vias. É importante, porém, sempre pedir autorização dos proprietários das fazendas, para mantermos o respeito que conquistamos com os moradores locais.



A qualidade das linhas impressiona qualquer escalador, fendas, tetos e negativos compõem todo o cenário do local, além de uma rica floresta que oferece muita sombra.

O acesso ao point é um dos melhores de Itajubá, pois além de ter linhas de ônibus até a porteira, a Pedra do Urubu está localizada dentro do perímetro urbano de Itajubá, onde é possível ir tranquilamente de bike por asfalto e sem morros. Da entrada até a base da pedra não gastamos mais de 5 minutos de caminhada.

Este point foi descoberto na década de noventa pelo montanhista itajubense Paulo Márcio, o Bolha. Inicialmente ele levava alguns amigos para fazer o rapel de 40m que há na parede mais extensa. Neste período ele iniciou uma linha bem na base do rapel, porém acabou desistindo logo nos primeiros metros, mais pra frente eu conto porque.

Em meados de 2003 o pessoal do CMI começou a iniciar várias rotas bem bacanas, mas finalizando apenas 2 vias, a linda e limpa *Macaco sem Galho V*, uma fenda conquistada em móvel pelo Juliano Ribeiro e o Jonatas Batista Alves e a deliciosa *Silvia Saint V*, um belo diedro em móvel também conquistado pelo Teusmá com minha ajuda. Porém, antes mesmo da galera concluir os projetos, o antigo dono da propriedade acabou fechando o local por pura "ranhetece", fazendo com que o Urubu ficasse adormecido por anos.

No final do ano passado encontrei o Emersom, um antigo amigo e dono do frigorífico Mafita, hoje chamado Frivasa, que acabou me dando a ótima notícia que sua família havia comprado toda a área da Pedra do Urubu. Como ele conhece o trabalho que desenvolvemos na região, logo nos ofereceu a oportunidade de retornar ao local e fazer o uso da pedra, estabelecendo as normas que achamos conveniente.

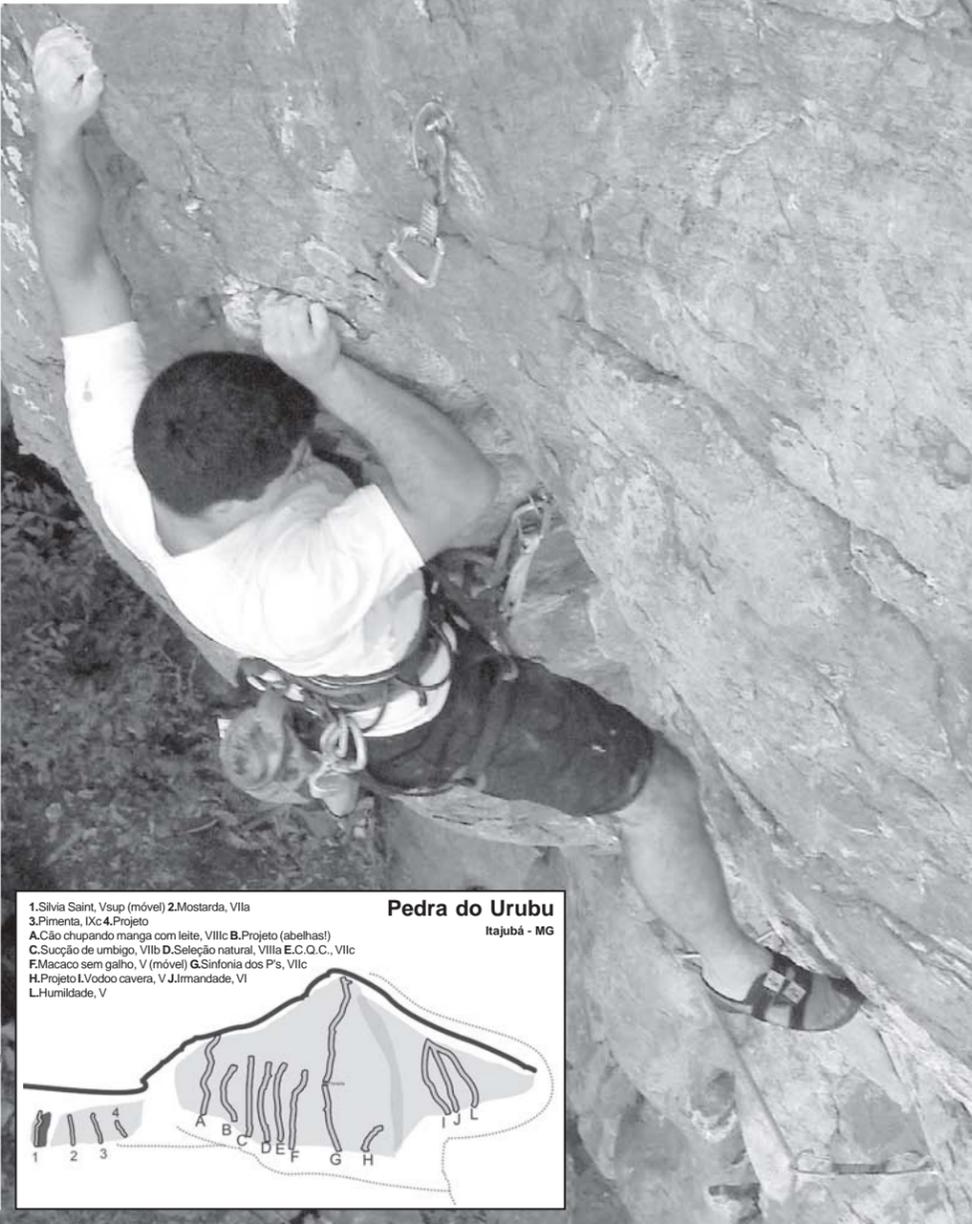
Com isso, a galera iniciou os empenhos neste pico. Com a renda obtida no 6º Festival de Montanha do Sul de Minas, o CMI adquiriu várias chapeletas, onde muitas delas foram fixadas nas paredes do Urubu. Com muita disposição, o Daniel Bruno tomou frente e começou a finalizar os projetos existentes concluindo a terceira via do local, a *Seleção natural 8a*, uma linda linha de aproximadamente 20 metros tendo o seu crux após a 4ª chapa. Na sequência o Daniel investiu em uma outra linha bem ao lado direito, a *Sucção de umbigo 8b*. Depois finalizou outro projeto a direita da *Seleção Natural*, a *CQC 7b*, uma das vias mais procuradas do Urubu. Neste tempo, pra variar, apareceu por lá o Reinis Osis, conquistador local que logo abriu uma via bem forte com dois lindos tetos situados a esquerda da *Sucção de umbigo*, batizando-a de *Cão chupando manga com leite 8c*.

Desbravando mais o local, os caras chegaram a uma parede negativa bem a esquerda da parede principal, onde abriram a *Mostarda 7b* e a *Pimenta 9c* (encadenada recentemente pelo Reinis). Voltando para a parede principal o Daniel deu sequência no projeto do Bolha, batizando a via de *Sinfonia dos P's* devido as marretadas dadas nos P's do Bolha para saca-los. Graduada hoje em 7c, coisa que na época que o Bolha bateu os P's era bem difícil de ser mandado em livre, fez com que ele possivelmente desistisse da conquista. Antes que eu esqueça, já quase esquecendo, os escaladores Vinícius "Bolão" Cruz e Bruno Dias mesmo com o pico interdito já haviam conquistado a metade desta linha (2ª enfiada) vinda de cima fixando uma parada acima de uma caixa de abelha que havia na época, nascendo assim a segunda enfiada graduada em um 5º sup saboroso.

O local é bem bacana pois é possível acessar o cume pela esquerda através do pasto e visualizar as principais montanhas de Itajubá como a Pedra Aguda, a Pedra de Santa Rita e o Canta Galo, e também, a cara oeste do Pedrão bem próximo. Subindo para o cume, há um setor bem legal com 3 vias: a *Vudu cavera V* (em móvel), a *Irmandade VI* e a *Humildade V* abertas pelo Jonatas Batista Alves, pelo Juliano Ribeiro e por mim.

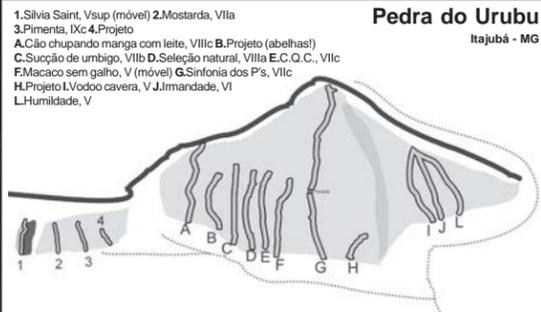
No 7º Festival de Montanha do Sul de Minas que foi realizado este ano, apresentamos a Pedra do Urubu como a mais nova opção de escalada na região de Itajubá. Com o intuito de sempre proporcionar novos lugares para a prática do montanhismo com total respeito aos proprietários e organização, o Clube Montês Itajubense continua fazendo o papel desde 2003, tornando nossa região reconhecida como um dos lugares mais especiais do Brasil para se curtir a verdadeira escalada em rocha.

Boas escaladas.
Infos: Clube Montês Itajubense (www.cmi.org.br)
Acesso: Para ir à pedra, deixe seu carro no estacionamento do frigorífico e peça autorização para o porteiro do Frivasa. Geralmente quem fica lá é o Montanha, caboclo sangue baum pra caramba! Ande uns 10 metros a sua direita pelo asfalto até a porteira e de um salve para Senhora Maria José, tia do Emersom.



Pedra do Urubu

Orlando Mohallem, MG



BOREAL

JOKER

DIABLO

Todo terreno para iniciantes

ST'INGMA

Da academia à esportivas com conforto e praticidade

FALCON

Firmeza e precisão em micro-agarras

Sensibilidade para vias extremamente negativas

ACE

Desenho clássico e confortável para escaladas mais longas...

CASA DE PEDRA

Lojas nos Shoppings: Morumbi - Vila Olímpia - Villa Lobos
 11.51896688 11.30476111 11.30244244

Compre também pelo site: www.casadepedra.com.br



Paixão pela Cordilheira Branca

Texto: Danielle Pinto, SC

Formamos o grupo **Escaladoras do Sul** em 2008, unindo mulheres que adoram uma aventura pelas montanhas. Desde então estamos tentando realizar viagens juntas para escalar em cordadas femininas.

Andrea e Simone estiveram no Frey em janeiro deste ano e realizaram várias escaladas. Na última temporada de inverno, conseguimos nos reunir eu, Luana e Andrea para ir a Cordilheira Blanca. A Cordilheira Blanca, uma dorsal andina situada no Peru, é considerada a cadeia montanhosa tropical mais alta de nosso planeta. A maioria de seus cumes nevados superam os 5 mil metros de altitude e apresentam dificuldades de todo tipo. Huaraz é a cidade base para acessar suas montanhas e recebe turistas de vários lugares do mundo durante a temporada, que vai de maio a setembro. A cidade está situada a cerca de 3000 metros do nível do mar, o que já causa um desconforto logo na chegada. Existem dezenas de opções de diversão para todos os gostos mas o que predomina na região é a escalada em alta montanha. Estivemos durante dois meses nesta região, onde tivemos a oportunidade de tentar a subida de seis montanhas, tendo êxito em quatro delas. A aclimação é o que mais influencia, principalmente para os brasileiros que estão acostumados mesmo é com praia e calor.

Nossa "barca" estava composta por três meninas brasileiras, o que causava certo estranhamento entre os outros escaladores.

A Andréia (Soares, 30, Floripa) e a Luana (Hudler, 36, Joinville) já haviam estado na Cordillera Blanca em 2008, e eu estava estreando na neve.

Aclimação e escalada em rocha

Nossa primeira incursão por aquelas montanhas foi na Quebrada Cayesh, onde tentáramos subir o Maparaju, nevado de 5326m de altitude, classificado como fácil, porém não muito visitado. Os efeitos da altitude já foram sentidos no acampamento base a 4600m. A Andréia e a Luana estavam um pouco melhores e saíram para tentar o cume, mas desistiram na entrada do glaciar devido à lentidão e o cansaço, causados por má aclimação. A segunda investida na montanha foi na Quebrada Llaca. O plano desta vez era aclimatar escalando em rocha durante dois dias no acampamento base, e depois subir para o acampamento moraina do Vallunaraju, montanha de 5675m de altitude. O acampamento moraina fica perto do glaciar, a cerca de 5000m de altitude e foi possível realizar durante três dias práticas de técnicas de caminhada em glaciar, sistema de resgate em greta e até escalada em gelo. No terceiro dia estávamos tão cansadas e esgotadas de permanecer tanto tempo a cinco mil metros que desistimos de tentar a subida ao cume.

De volta a Huaraz tiramos férias dos nevados e fomos escalar em rocha em Hatun Machay, um sítio de escalada *deportiva* localizada na Cordillera Negra, há cerca de 60km de Huaraz e a 4300m de altitude. Puro desfrute, com vias bem protegidas, sol quente, céu azul e tudo isso ao nosso alcance caminhando apenas quinze mi-

nutos. Depois de sete dias de escalada em Hatun todas conseguiram evoluir um pouco, ganhar mais confiança e finalmente se aclimatar a altitude. O próximo destino era a Esfinge.

A Esfinge é uma montanha de granito com vias de até 750m, seu cume está a 5325m de altitude, localizada na Quebrada Paron. Um grande desafio para nós três. Chegamos no dia D, acordamos às 5 da manhã, caminhamos até a base da via e com as primeiras luzes do dia começamos a escalada. O plano era no primeiro dia escalar até o grande platô, ao todo 9 cordadas, passar a noite ali mesmo e no outro dia escalar as 10 cordadas restantes, trecho que segundo informações, era mais fácil tecnicamente, porém, mais exposto e de difícil orientação. Fomos bem até a quinta cordada. Mas quem escalava de segundo sofria com as duas mochilas pesadas, que carregavam sacos de dormir, jaquetas de plumas, comida e água. Como a escalada seguia lenta e as mochilas cada vez mais pesadas, decidimos descer. Como consolo o tempo fechou e nevou durante a noite. Foi bom estar na baraca e não no platô. A Esfinge continua lá, e a gana de voltar ainda vibra por aqui.

Cumes Nevados

O próximo destino escolhido pelas três foi a Quebrada Ishinca, local de acesso para a escalada dos nevados Urus, Ishinca e Tocllaraju. A Luana fez duas tentativas ao Tocllaraju com expedições dis-

tintas, mas o tempo não estava favorável. Eu e a Andréia fomos para o Urus (5495m) e o Ishinca (5530m). No Urus começamos a caminhar na *moraina* as quatro da madrugada, a Andréia não se sentiu bem e desceu. Continuei, chegando ao cume as oito da manhã e às dez já estava de volta ao acampamento. O tempo estava lindo, céu *despejado* e sem vento.

Na madrugada marcada para a subida do Ishinca o tempo começou a *cambiar*, ventava forte. Mesmo assim seguimos com o nosso plano. Eu e a Andréia iniciamos a caminhada às quatro da madrugada e às dez da manhã estávamos no cume, permanecemos ali trinta segundos pois o tempo estava cada vez pior. Finalmente depois de tomar muita surra na Cordillera Blanca fomos presenteadas com uma escalada bem sucedida e lindas fotos de cume.

Alguns dias em Huaraz para reabastecer as energias, e aqui a nossa "barca" se separa. A Andréia volta para o Brasil para trabalhar. A Luana realiza um sonho e vai escalar o Alpamayo. E eu fico em Huaraz esperando a Luana para seguirmos com os nossos projetos. Alguns dias depois a Luana volta e nós duas seguimos para tentar o Pisco, na Quebrada Llaganuco, onde também estão localizados os acampamentos base do Chopiquilqui e do Yanapacha.

Fizemos a ascensão ao Pisco, 5752m, em três dias. No primeiro fomos até o acampamento base. No segundo subimos ao

acampamento moraina e na madrugada saímos para o ataque. Entramos no glaciar às quatro da manhã, às oito estávamos no cume e às dez da manhã comendo macarrão já de volta ao acampamento moraina. Descansamos um pouco e descemos ao acampamento base. *Pachamama* nos presenteou com um lindo amanhecer, clima perfeito e um visual incrível. Do cume do Pisco se pode ver o Artesonraju, o Alpamayo, o Quitaraju, o Chacaraju e até a Esfinge, que continua esperando por nós.

A última empreita foi o Vallunaraju, afinal já havíamos estado lá, já conhecíamos a entrada no glaciar e é uma montanha próxima de Huaraz, com fácil acesso. Em dois dias conseguimos fazer toda a correria. Saímos de Huaraz por volta do meio dia, chegamos ao acampamento *moraina* por volta das quatro da tarde, com bastante tempo para descansar e comer. Na madrugada, por volta das cinco da manhã, iniciamos a subida ao cume. A montanha, apesar de ser tecnicamente fácil, é muito impressionante, com gretas, pontes e blocos de gelo e uma linda *cornisa* para se chegar ao cume. Por volta das nove da manhã estávamos no cume apreciando o Huascarán e o Chopicalqui no horizonte. E no fim do dia em Huaraz, de volta ao *pisco* e as *conchitas*.

Foram sessenta dias de Cordillera Blanca e não vejo a hora de voltar. Sei que minhas parceiras sentem o mesmo. A grandiosidade do lugar assusta, encanta e apaixona. Os desafios, os medos, as vitórias, a superação, a amizade e o aprendizado foram intensos durante esta temporada. Estivemos sempre escalando em cordadas femininas, não usamos porteadores nem guias. As montanhas que subimos são tecnicamente acessíveis e bem frequentadas, porém exige preparo físico, uma boa aclimação e muita gana.

Uma visita ao Alpamayo

Texto: Luana Hudler, SC

Além das empreitadas com Dani e Dea na Cordillera Blanca, tive a oportunidade de participar de uma expedição a uma de suas montanhas mais bonitas. Quando estivemos na Quebrada Ishinca, conheci um pessoal que ia escalar o Alpamayo pela rota francesa, com guia e cordas fixas, e um venezolano deste grupo também gostaria de escalar o Quitaraju, pela aresta Oeste. Eu tinha muita vontade de conhecer a Quebrada Santa Cruz, muito famosa por sua beleza, e também de fazer um intento no Quitaraju, um seis mil que fica de cara para o Alpamayo. Tendo esse objetivo em comum, me convidaram para participar da expedição e também para formar uma cordada para tentar o Quitaraju. Escalar com cordas fixas não era o estilo que eu gostaria de escalar o Alpamayo, no entanto, não resisti à oportunidade de ganhar alguma experiência e de conhecer uma rota naquela linda montanha.

Fizemos a aproximação ao acampamento avançado do Alpamayo em quatro dias, os três primeiros foram de puro desfrute. No quarto dia finalmente entramos no glaciar e aí começou a verdadeira emoção de estar na alta montanha. Do *campo morena* ao *campo alto* foram cerca de quatro horas de caminhada pelo glaciar, com algumas gretas e pendentes suaves. Os trechos finais possuem inclinação de 30° a 45° e levam ao colo Quitaraju/Alpamayo. O acampamento fica entre essas duas impressionantes montanhas, a 5.400m de altitude. Quando chegamos aí o tempo estava completamente fechado. O clima permaneceu assim durante toda a estadia no *campo alto*, privando-nos da tão esperada vista das montanhas. Mesmo assim foi emocionante estar naquele lugar.

Na madrugada do dia seguinte saímos do acampamento e chegamos na base da rota francesa às duas da manhã. Três companheiros não puderam prosseguir pois passaram mal. Fomos então eu, o venezolano Raul, o guia e o assistente peruanos. A parede já estava equipada com cordas fixas em toda sua extensão de 400m, com reuniões a cada 60m feitas com estacas e *abalakovs*, tornando a escalada absolutamente simples e fácil, porém exigente fisicamente. A rota possui inclinação constante de uns 75° e a última cordada é mais empinada, uns 85°-90°. Poderia ter usado um *jumar* mas preferi escalar com dois *piolets* técnicos, usando um *tibloc* na corda fixa para me dar segurança e a solteira como backup. Escalamos os 400m em um *tirón* de duas horas, chegando no cume, a 5947m, pouco antes das cinco da manhã, sem vista nenhuma pois além de estar totalmente escuro haviam muitas nuvens.

A baixada também foi simples, eu e Raul rapelávamos na frente e os guias vinham recolhendo as cordas. As sete da manhã já estávamos de volta no acampamento. O clima continuaria fechado por mais alguns dias então acabamos desistindo de encarar o Quitaraju e começamos a fazer o caminho inverso na quebrada Santa Cruz.

Foi uma experiência diferente onde pude desfrutar o puro prazer de escalar 400m de gelo, numa montanha maravilhosa, num lugar maravilhoso.

Para conhecer outras histórias das Escaladoras do Sul acesse nosso site: www.escaladorasdosul.blogspot.com



Danielle e Andréa no glaciar do Villunaraju

Qualidade para clientes especiais.

Rua Apeninos 803 Paraíso São Paulo
11 3562 1801 www.penatrilha.com.br

Promoção Siga o Adventure Zone no twitter

Encontre a pergunta no Twitter e responda pelo site da promoção. O primeiro e-mail a chegar com a resposta correta ganhará um **Kit de Prêmios!**

Acesse:
www.adventurezone.com.br

Patrocínio:

ADVENTURE ZONE

"O mais agitado blog de esportes de aventura da web!"

Marumbi

Texto: Alberto Ortenblad, SP



Pedro Hauck

BELAS PEDRAS XXXIV

O Maciço Marumbi, nas proximidades de Curitiba, é um dos mais belos conjuntos rochosos do Brasil, com suas imponentes paredes graníticas projetando-se acima de verdes encostas. Seu ponto culminante, o Monte Olimpo, foi uma importante conquista do século XIX. O Marumbi faz parte de um parque estadual que compõe nosso mais preservado trecho da Serra do Mar.

Introdução

O Conjunto do Marumbi é uma parede colossal, cuja bela rocha granítica se eleva acima das encostas verdejantes da Serra do Mar, numa visão emocionante quando iluminada pelo sol da manhã (ou delineada pelo céu estrelado). Visto de sua face norte, apresenta um relevo acidentado, com a formidável pirâmide do Abrolhos projetando-se entre os abismos da Esfinge e da Torre dos Sinos, um de cada lado. A discreta corcova recuada abriga o Olimpo, seu ponto culminante.

Este maciço impressionante sempre chamou a atenção dos viajantes, fossem os garimpeiros e aventureiros de antigamente ou os montanhistas e turistas de hoje. Dele já se disse ser feito por "muralhas inacessíveis que a natureza formou nas costas brasileiras para servir de uma natural divisão das terras centrais com as de marinha." Seu nome significa *montanha azul*, que é de fato a coloração de quem a vê do sul. A conquista de seu cume foi considerada um feito extraordinário à época. Até 1940, o Marumbi era tido como o ponto culminante do Estado, antes que a altitude do Pico Paraná fosse conhecida.

O Marumbi é o prosseguimento de um conjunto de elevações, que praticamente começa mais ao norte, com os quase 1.900m do Pico Paraná. Continua na Serra da Graciosa, com algo menos do que 1.500m, que fica entre a rodovia e a ferrovia que descem até o litoral. Estas duas vias são extremamente cênicas, pois permitem vistas deslumbrantes da Serra do Mar.

A partir daí, a cadeia de serras perde altitude rumo sudoeste, com as elevações da Serra da Farinha Seca abaixo de 1.200m. Ela faz uma aguda cunha com o Marumbi, que vem logo a seguir. Foi nesta cava que se implantou a ferrovia que desce ao mar. Depois dele, as altitudes permanecem relativamente elevadas, com as Serras do Leão, de Castelhanos e de Araçatuba, já próximo a Santa Catarina, todas com cerca de 1.500m.

Dois outros fatos contribuíram para tornar o Marumbi ainda mais conhecido: a implantação da ferrovia que percorre a Serra do Mar entre as formações do Marumbi e da Farinha Seca, passando exatamente no sopé do maciço, e a criação de um parque estadual para proteger sua exuberante natureza.

O Acesso

O acesso até o Marumbi não é tão fácil. Acredito

que a melhor alternativa seja ir de trem, pela bela ferrovia implantada no século XIX para conectar Curitiba a Paranaguá. São vistas impressionantes do vale do Rio Ipiranga e das paredes da Serra do Mar. O trem deixa Curitiba às 8 horas e para exatamente na entrada do Parque. Porém, entre a chegada e a saída do trem no Marumbi, sobram no máximo 5 horas – e isto pode ser insuficiente para fazer qualquer dos maiores picos do maciço. Uma alternativa é pousar à tarde no bom camping do Parque, que por sinal é gratuito, e retornar por trem no dia seguinte.

Outra opção seria tomar o ônibus que vai para Morretes (existem dois diferentes trajetos a partir de Curitiba) e descer antes, em Porto de Cima. O nome desta vila vem da época quando pessoas e mercadorias transitavam do planalto até lá pelo Caminho do Itupava e, a partir de então, chegavam ao mar descendo o Rio Nhundiaquara. Este é um rio remansoso, que apresenta trechos onde se pode flutuar rio abaixo.

De Porto de Cima, você deve seguir a pé até Engenheiro Lange, se não me engano são 9 km por uma estradinha de terra. Se você tiver um veículo alto com tração, pode chegar até lá de carro. Engo. Lange é a estação seguinte à do Marumbi, existe uma trilha ligando ambas, que começa logo à direita após a estação, do outro lado do trilho. Será menos de 1 km por uma bela rampa no meio da expressiva vegetação.

Segundo me contaram, existe uma trilha que sai de Curitiba (na realidade, Quatro Barras) e chega após 25 km à estradinha de terra que vai até o Marumbi: é o antigo Caminho do Itupava já referido, que por dois séculos funcionou como uma ligação entre a serra e o planalto. Ele é descrito como muito bonito, mas por certo vai lhe exigir boa parte do dia e um razoável cansaço.

Uma boa alternativa de pouso na região é a cidadezinha colonial de Morretes, que fica a menos de 20 km do Marumbi. Parte do trajeto é pelo asfalto que a liga a Porto de Cima e o restante, pela estradinha e trilha já descritas.

O Parque

O Parque Estadual do Marumbi foi criado em 1990, com apenas os 2 mil hectares do maciço. Em 2007, foi ampliado para quase 9 mil hectares, que incluem o prosseguimento da serra no rumo de Curitiba, bem como as áreas baixas frontais ao maciço. O Marumbi compõe um conjunto de quatro parques estaduais que, ao longo de 67 mil hectares, abrangem a maior extensão contínua de Mata Atlântica do Brasil.

A Mata Atlântica ocupava originalmente 130 milhões de hectares ao longo de nosso território. Cerca de 15 anos atrás, a gradativa ocupação tinha-a reduzido a 15 milhões de hectares. As maiores concentrações desta encontram-se hoje nos Estados do Rio e do Paraná. Seu tre-

cho mais preservado pode ser observado percorrendo de carro a linda Estrada da Graciosa. A formação do Marumbi é a mesma da Serra do Mar, pertencente à distante Era Pré Cambriana. São formações em granito, com paredes verticais que se elevam de 500 a quase 2 mil metros de altitude. São recobertas por uma variada, úmida e densa floresta, com exemplares de guapuruvus de belas flores amarelas, canelas, cedros e ipês, figueiras, palmitos e pinhos bravos. A vegetação costuma ser decorada com epífitas, bromélias e até orquídeas. Nas áreas mais elevadas, é possível encontrar as gramíneas e os arbustos dos campos rupestres.

Este ambiente natural tão variado abriga uma rica fauna. São encontrados perigosos felinos como a jaguatirica e a suçuarana, além de animais mais pacíficos como tamanduás, quatis, macacos e cutias. Algumas aves de maior porte, como macucos, jacus e saracuras, podem ser avistadas nas encostas úmidas da floresta baixa. Nas transições para os trechos médios, beija-flores e tucanos são encontrados e, na mata montana, gaviões, arapongas e gralhas.

A Conquista

O Olimpo foi conquistado em 1879 por um farmacêutico de Morretes chamado Joaquim Olimpo, em cuja homenagem foi cunhado o nome Olimpo. Ele passou sete anos estudando a montanha, antes de nela se aventurar. Seu trajeto inicial tomou sete dias (quatro de ida mais três de volta), chegando ao cume a partir das elevações do Facãozinho e do Boa Vista. Esta trilha existe até hoje, mas encontra-se no momento interdita. Conta-se que até 1902 Joaquim Olimpo continuou ativo, sempre liderando pessoas ao cume.

A ascensão do Olimpo é considerada no Paraná "o berço do montanhismo brasileiro, a primeira escalada esportiva do país". Embora este entusiasmo seja compreensível, lembro que Franklin Massena alcançou o cume do Agulhas Negras em 1856, ou seja, um quarto de século antes, e sua ascensão foi certamente uma escalada esportiva. E que o Pão de Açúcar foi conquistado oito anos antes do Olimpo – e por uma dama inglesa!

Existem hoje duas vias de subida no Marumbi: a Noroeste e a Frontal. Ambas foram desenvolvidas por Rudolfo Stamm por volta de 1940, época em que a atual estação foi construída e que todos os picos foram sendo sucessivamente conquistados. O primeiro deles foi o Abrolhos, que exigiu nada menos do que 15 tentativas do argentino José Peon. Correntes de ferro foram instaladas nos trechos mais íngremes, trocadas pelos atuais degraus a partir de 1998. A simpática marcação com pequenas setas metálicas nas respectivas cores laranja e branca data de 1979.

As altitudes dos nove cumes do Conjunto Marumbi são dadas a seguir:

Rochedinho	635m
Facãozinho	1.100m
Abrolhos	1.200m
Torre Sinos	1.280m
Esfinge	1.378m
Ponta Tigre	1.400m
Boa Vista	1.491m
Gigante	1.497m
Olimpo	1.539m

As Vias

Note que a Via Noroeste começa à esquerda a partir do caminho em rampa que leva às casas do Parque e a Frontal, logo antes à direita, ainda bem perto e no nível do leito da ferrovia. A Via Noroeste leva ao Pico Abrolhos e, a partir de uma bifurcação no alto à esquerda, à Esfinge, Ponta do Tigre, Gigante e Olimpo. Cada cume é mais elevado do que o anterior: se o Abrolhos tem 1.200m, a Esfinge ao lado já sobe a quase 1.400m, até o ponto culminante do Olimpo, com mais de 1.500m. Este percurso é mais longo e menos íngreme do que a Via Frontal, que sobe diretamente ao Olimpo. Por qualquer dos caminhos, a ascensão até o cume é de 1.050 metros.

O percurso ao Olimpo pela Via Noroeste toma de 4 a 5 horas, com 5 km de extensão ida e volta. Pela Frontal, o caminho é mais curto e árduo, com 4 km ida e volta, necessitando até 3 ½ horas. Sugiro subir ao Olimpo pela Frontal e retornar pela Noroeste, conhecendo então os demais cumes, numa excursão que deve tomar pelo menos 7-8 horas, considerando as muitas paradas.

São trilhas extremamente íngremes, com respectivas declividades de 40 e 50%. São as mais verticais que conheci até hoje no Brasil. Você terá de apoiar-se durante horas em galhos, raízes, lajes, correntes e grampos, praticamente sem o alívio de nenhum trecho horizontal. Num certo sentido, a volta é ainda mais difícil, devido ao cansaço e ao equilíbrio incerto.

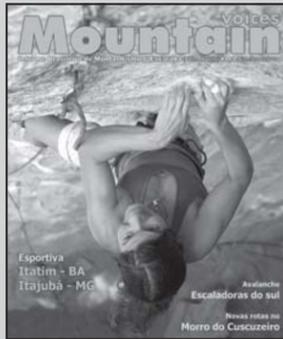
A única vista que pude usufruir foi a do Abrolhos, voltado para a baía de Antonina - meu limitado tempo só me permitiu fazer este cume. As Serras da Graciosa e de Ibitiraquiré (onde está o Pico Paraná) são visíveis. Em dias claros, pode-se enxergar a Ilha do Mel. Já do Olimpo, a vista alcança as próprias formações do maciço e os cumes próximos do Leão (que é mais alto do que o Olimpo), do Coelho e do Espinho. Além deles, atinge até Curitiba a oeste, Morretes e Paranaguá à frente e as serras do sudoeste antes comentadas.

O Maciço Marumbi abriga nada menos do que 76 rotas de escalada (dado de 2007), das quais as mais difíceis são de grau VIIIc. Os montanhistas da região reúnem-se no COSMO, grupo de socorro de montanha, que monitora e conserva as trilhas e ainda resgata os incautos perdidos.

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

Editores: Eliseu Frechou, Vitor B. Frechou, Artur B. Frechou e Jorge B. Frechou.
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Fernanda Rocha trabalhando a primeira parte da via Heróis da resistência, 9a - Serra do Cipó, MG
Foto: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/05/2010.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....)
 E-mail.....
 Idade Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

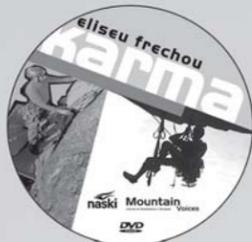
- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
 - () Renovação assinatura - R\$ 20,00
 - () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
 - () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
 - () Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
 - () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
 - () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
 - () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
 - () DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
 - () DVD Lobotomia 2 - Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00 **esgotado!**
 - () DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
 - () DVD The Movie 1 - Itatiaia - R\$ 25,00
 - () DVD Karma - R\$ 25,00
- Total00

111

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



THE MOVIE #1
Itatiaia + Chapada Diamantina

Manuais de Escalada e Montanhismo



**Pedra do Baú
 Itatiaia
 Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



OS PERRENGUES DE PAULO
 ACAMPANDO NA SERRA



CUIDADO COM ESSA LANTERNA PAULO, CUIDADO!!



EU TE AVISEI, AGORA VAMOS TER QUE ENCOMENDAR FOGAREIRO, BARRACA, LANTERNA, TUDO DE NOVO! FALA AÍ O NÚMERO DO SEU CARTÃO!

WWW.EQUINOX.COM.BR
 COMPRE ONLINE - TUDO PARA A SUA AVENTURA



CONQUISTA
 SUPER LANÇAMENTO:
FERRAGENS CONQUISTA

COSTURAS

MOSQUETÕES

FREIOS

Agora você pode ter todo seu equipo da mesma marca.

conquistamontanhismo.com.br

A MELHOR EQUIPE NÃO SE FAZ SÓ DENTRO DAS LOJAS.

ESTES SÃO OS INTEGRANTES DA FAMÍLIA TERRITÓRIO, QUE HÁ 10 ANOS OFERECEM A VOCÊ OS MELHORES EQUIPAMENTOS PARA VIAGENS E ESPORTES DE AVENTURA. MUITO MAIS QUE ISSO, ELAS LEVAM AVENTURA NO SANGUE, DENTRO E FORA DA LOJA.

TERRITÓRIO 10 ANOS

territorioonline.com.br compre e aventure-se sem moderação